

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**Instituto de Economia**



1290000467



TCC/UNICAMP G947e



**Evolução da Inserção Feminina na RMSP nos anos 90**

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
UNICAMP**

Carlos Afonso Guimarães

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eugênia Troncoso Leone

Campinas, 26 de janeiro de 2001

**TCC/UNICAMP  
G947e  
IE/467**

**CEDOC/IE**

## Índice

Introdução.....	p.03
1. Participação das Mulheres no Mercado de Trabalho no Brasil e na RMSP nos anos 92 e 99.....	p.07
2. As Metodologias e os Problemas para se Analisar a Mobilidade Social.....	p.17
3. Análise dos Grupos Homogêneos	
3.1. Análise dos Grupos homogêneos para Ano de 1992.....	p.23
3.1.1. Descrição dos Grupos Homogêneos.....	p.23
3.1.2. Características Individuais e Familiares dos Grupos Homogêneos...	p.29
3.1.3. Absorção dos Grupos Homogêneos nos diferentes ramos e posições na ocupação para a RMSP.....	p.35
3.1.4. Padrões de Inserção para o Ano de 1992.....	p.37
3.2. Análise dos Grupos homogêneos para Ano de 1999.....	p.39
3.1.1. Descrição dos Grupos Homogêneos	
3.1.2. Características Individuais e Familiares dos Grupos Homogêneos...	p.45
3.1.3. Absorção dos Grupos Homogêneos nos Diferentes Ramos e Posições na Ocupação para a RMSP.....	p.50
3.1.4. Padrões de Inserção para o Ano de 1999.....	p.52
3.3. Mobilidade Social entre as Categorias e Padrões da década de 90.....	p.54
3.4. Absorção das Categorias nos Diferentes Ramos e Posição na Ocupação para RMSP.....	p.61
Conclusão.....	p.64

## **Evolução da Inserção Feminina na RMSP nos anos 90 <sup>1</sup>**

### **Introdução**

No início da década de 90 a atividade econômica é prejudicada com a abertura econômica e com as políticas econômicas adotadas pelos governos. A falta de uma política de reestruturação das indústrias nacionais e o atraso tecnológico da maioria destas, impossibilitou que os produtos nacionais concorressem com os produtos importados. Empresas foram a falência, aumentou-se a insolvência e houve uma retração acentuada da produção industrial. Houve terceirização de parcela da atividade produtiva e da força de trabalho e crescimento do produto importado na fabricação de bens finais (BALTAR, 1996). Ao longo da década foram utilizadas políticas que buscavam o ajuste da conta de Transações Correntes e uma baixa inflação, mantendo elevada a taxa de juros e valorizada a moeda, onde a primeira desfavorece os investimentos internos e a segunda facilita a importação de bens externos, causando racionalização da produção por parte das empresas e conduzindo ao aumento do desemprego estrutural (MATTOSO). A queda da renda familiar motivada pelo elevado desemprego aberto e queda do salário real causados pelos momentos de inflação elevada, provavelmente acelerou a inserção das mulheres no mercado de trabalho, o intuito das famílias era manter o “status” adquirido com a renda familiar anterior.

A racionalização da produção industrial provocou uma diminuição da oferta de emprego formal no setor secundário e ampliação do setor terciário. A terceirização acelerada da economia na década de 90 amplia o número de ocupações ligadas aos serviços sociais, serviços pessoais voltados para as camadas de alta renda, de apoio administrativo e comércio de mercadorias, ocupações com maior atuação da mulher (LEONE, 1999). No entanto, com a “desestruturação” do processo produtivo desativava-se a formação de empregos formais, abrindo espaço para a ampliação de empresas de pequeno porte, trabalhadores por conta própria e serviços domésticos, onde em sua maioria prevalece a informalidade. “As ocupações não formais se aproximam de dois terços do total de ocupações não-agrícola...”, cita Mattoso e Baltar. Além disso, ocorre flexibilização e desregulamentação do trabalho, provocando instabilidade quanto a

permanência do emprego e queda dos salários nos empregos que exigem baixo grau de instrução.

A continuidade da inserção da mulher no mercado de trabalho na década de 90 ocorreu conjuntamente com a reestruturação produtiva e ampliação do setor terciário, no entanto é verificado a crescente informalização, flexibilidade e desregulamentação do trabalho, colocando em dúvida a qualidade destes empregos assumidos pelas mulheres.

O objetivo deste trabalho é fazer uma avaliação “qualitativa” da inserção da mulher no mercado de trabalho da região metropolitana de São Paulo (RMSP) e mostrar sua evolução ao longo da década, utilizando-se de informações dos anos 1992 e 1999. Serão criados grupos homogêneos de trabalhadoras para os anos 1992 e 1999 formados com base em variáveis “proxies” de características qualitativas do emprego, como o nível salarial e a jornada de trabalho, e características individuais, idade e escolaridade.

O motivo da escolha da RMSP é ser esta a maior aglomeração urbana do país e ter o maior parque industrial, retratando as diversas ocupações e os setores de atividade da economia brasileira.

Os métodos estatísticos utilizados na formação dos grupos homogêneos são a Análise de Correspondência Múltiplas (ACM) e a Análise de Cluster (AC). Aquela avalia as semelhanças e diferenças dos indivíduos a partir das variáveis categóricas escolhidas, esta descreve os agrupamentos em função dos resultados da ACM.

A composição de cada grupo será examinada para cada ano de estudo, primeiramente a partir da predominância das quatro variáveis sobre cada grupo e, posteriormente, a distribuição dos grupos em termos de ramo de atividade, posição na ocupação, renda familiar per capita, condição na família e tipo de família. Após as conclusões para cada ano, fazer-se-á comparações entre os grupos formados nos dois anos selecionados, utilizando-se dos métodos estatísticos de Análise dos Componentes Principais (ACP) – este avalia a similaridade e dissimilaridade entre os grupos a partir dos valores percentuais de cada categoria das quatro variáveis básicas - e de Análise de Cluster (AC). Após, tentar-se-á, através dos pares de grupo mostrar as mobilidade ocorridas internamente de 1992 a 1999.

O primeiro capítulo faz uma breve apresentação das alterações do mercado de trabalho brasileiro devido ao processo de reestruturação e analisa os aspectos populacionais (PEA, PIA, ocupação, taxa de desemprego, de participação e de ocupação) no mercado de trabalho brasileiro e na região metropolitana de São Paulo (RMSP) na década de 90. O capítulo seguinte explica o significado da mobilidade e os seus tipos, apresentam os métodos utilizados por pesquisadores, os problemas na metodologia escolhida e ,por último, detalha o tipo de mobilidade a ser analisada e o qual o método escolhido. No terceiro capítulo é feita a análise dos grupos homogêneos formados para os anos 1992 e 1999, posteriormente é feita comparações entre os pares de grupos formados nos dois anos. A seguir apresenta-se as variáveis de qualidade e suas categorias:

#### Idade

- de 15 a 24 anos (jovem)
- de 25 a 34 anos (relativamente jovem)
- de 35 a 44 anos (adulta)
- 45 ano ou mais (madura)

#### Escolaridade

- menos de quatro anos de estudo
- de 4 a 7 anos de estudo
- de 8 a 10 anos de estudo
- de 11 a 14 anos de estudo
- 15 ou mais anos de estudo

#### Jornada de trabalho (horas semanais)

- até 39 horas (jornada parcial)
- de 40 a 44 horas (jornada completa)
- 45 ou mais horas (jornada excessiva)

#### Rendimento na ocupação principal, em salários mínimos (SM) de 1998

- até 1 SM (baixo)
- de 1 a 2 SM (médio-baixo)
- de 2 a 5 SM (médio)
- de 5 a 10 SM (médio-alto)
- 10 ou mais SM (alto)

A unidade de análise do estudo são as mulheres ocupadas na região metropolitana de São Paulo nos anos 1992 e 1999, os dados utilizados são da PNAD. O conceito de ocupado é o anterior à PNAD de 1992, ou seja, eliminando os ocupados que gastam pelo menos uma hora do seu dia para o autoconsumo e autoprodução, e com trabalho não remunerado inferior a 14 horas semanais. Também foram excluídas as mulheres ocupadas que possuíam falta de dados em pelo menos uma variável, esta ação não prejudicou a amostra, pois, como pode ser verificado no anexo I, na distribuição das mulheres nas categorias das três variáveis qualitativas que possuem, não há concentração de um grande número de mulheres em três categorias iguais (Ver anexo I ao final da conclusão).

O tamanho das amostras das mulheres ocupadas na RMSP é de 3.074 para o ano de 1992 e 3.179 para o ano de 1999, os pesos aproximados para cada mulher nas amostras são de 796,2 e 841,7 respectivamente.

## **1- Participação das Mulheres no Mercado de Trabalho no Brasil e na RMSP nos anos 92 e 99.**

A continuidade da abertura comercial e financeira na década de 90, aceleraram a entrada de produtos importados e capital estrangeiro, alterando rapidamente as condições de concorrência no mercado interno. As empresas vêem-se forçadas a assumir estratégias adaptativas focalizadas principalmente na diminuição do custo, buscando se aproximar da realidade concorrencial. As principais ações tomadas pelas empresas são o corte de pessoal, a terceirização de atividades e a importação de componentes tanto para auxílio na produção como partes do produto final.

Com as mudanças na forma de organização na maioria das empresas, inicializa-se um processo de reestruturação produtiva que parece dar formas a uma nova dinâmica de funcionamento do mercado de trabalho, modificando-se as relações intra e extra setoriais e, conseqüentemente, alterando as condições e localizações do uso do trabalho.

A baixa taxa de investimento em setores de produção de máquinas e equipamentos e em infra-estrutura - alavancas para o crescimento de uma economia - desfavorece a criação de mais empregos, acabando por alocar grande parte dos trabalhadores em ocupações informais. Um crescimento do PIB brasileiro não condizente às necessidades de emprego, deixa *à mercê* das empresas fazer negociações de uso de trabalho com sindicatos enfraquecidos.

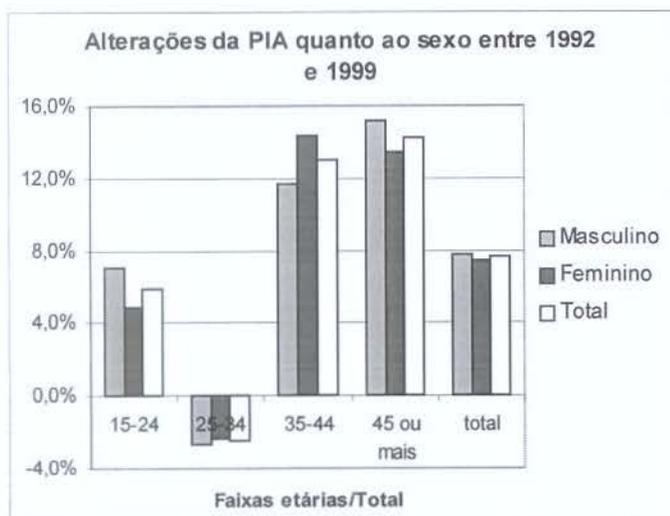
O processo de terceirização ou desverticalização das empresas faz ampliar as relações entre o setor formal e informal, com maior peso para o setor informal articulado produtivamente (ROSANDISKI). No entanto, a ampliação da informalidade, condicionada as necessidades empresariais de queda preço, geralmente é feita com rebaixamento de preços e serviços, dificultando a este setor uma disponibilização de melhores condições aos trabalhadores, como carteira assinada, seguro saúde e seguro desemprego.

Neste capítulo pretende-se demonstrar, primeiramente, quais foram as alterações populacionais brasileira e da RMSP na década de 90, levando em consideração a

diferença sexual e as categorias da variável idade. Posteriormente serão analisados os setores e as ocupações que se destacaram nessa nova dinâmica de funcionamento do mercado de trabalho. Os dados utilizados são da PNAD nos anos 1992 e 1999.

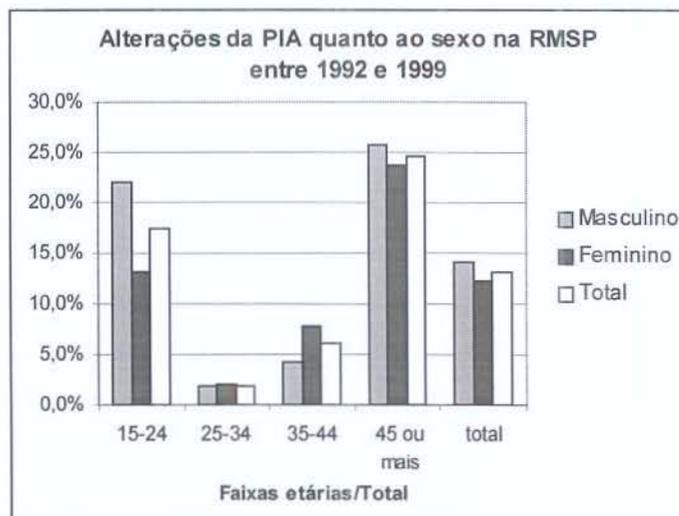
Nos gráficos 01 e 02, pode-se observar um crescimento da população em idade ativa (PIA) – foi considerado todos os indivíduos com idade acima de 14 anos – superior a 7,0% no Brasil e 11,0% na RMSP entre os anos 1992 e 1999. No Brasil, gráfico 01, as faixas etárias de maior ampliação foram a de 35 a 44 anos e a de 45 anos ou mais, já na RMSP, gráfico 02, as faixas de maior destaque são a de 45 anos ou mais e, com crescimento menos acentuado, a faixa de 15 a 24 anos. A ascensão de faixas de idade mais avançada indica um envelhecimento da população brasileira (estreitamento da base da pirâmide etária). No Brasil e na RMSP apesar da expansão da PIA nas faixas de idade mais avançada, ainda é elevado o número de indivíduos com idade entre 15 e 24 anos (veja tabela 01). Mas em 1999, indiferente do sexo, predomina a faixa de indivíduos com idade igual ou maior de 45 anos de idade.

Gráfico 01



Fonte: PNAD 1992 e 1999

Gráfico 02



Fonte: PNAD 1992 e 1999

Tabela 01

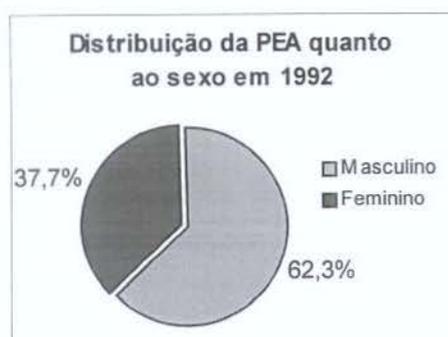
## Porcentagem da PIA segundo sexo e faixas etárias

Idade	Brasil						RMSP					
	homem		mulher		Total		homem		mulher		Total	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
15-24	29,6	29,4	27,9	27,2	28,7	28,3	27,2	29,1	26,4	26,6	26,8	27,8
25-34	24,1	21,7	24,1	21,9	24,1	21,8	24,6	22,0	24,2	22,0	24,4	22,0
35-44	18,7	19,4	18,6	19,8	18,6	19,6	21,7	19,8	21,3	20,5	21,5	20,2
45 ou mais	27,7	29,6	29,4	31,1	28,6	30,3	26,4	29,1	28,0	30,9	27,3	30,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

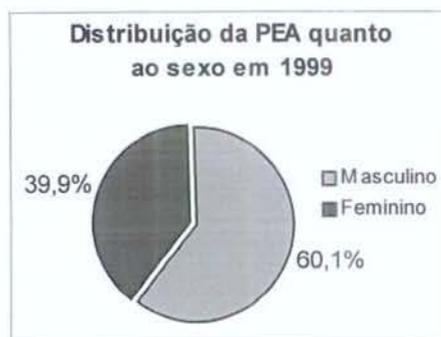
A população economicamente ativa (PEA), ou seja, parcela da população capaz de realizar alguma atividade produtiva, cresceu distintamente entre 1992 e 1999, sendo ampliado a participação das mulheres no total PEA em mais de 2 pontos percentuais tanto para o Brasil quanto para a RMSP (gráficos 03, 04, 05 e 06). Em relação ao país, a participação da mulher na PEA total foi de 37,7% para 39,5%, já para a região metropolitana de São Paulo, foi de 39,9% para 42,4%. Apesar do aumento de mulheres na PEA, ainda é bem superior o número de homens ofertando trabalho. Distintamente da PIA onde predominava a faixa de maior idade, na PEA, onde em 1992 era maior o número de indivíduos mais jovens, indiferente do sexo, há uma distribuição entre as faixas etárias em 1992 sem importantes distinções. Essa queda na oferta de mão-de-obra por parte dos mais jovens pode ser parcialmente explicada pelo aumento da escolaridade e a saída dos menos escolarizados do mercado de trabalho devido a reestruturação produtiva.

Gráfico 03



Fonte: PNAD 1992 e 1999

Gráfico 04



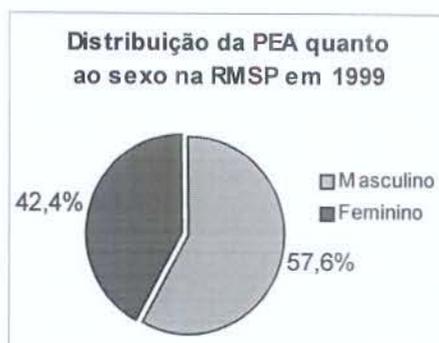
Fonte: PNAD 1992 e 1999

Gráfico 05



Fonte: PNAD 1992 e 1999

Gráfico 06



Fonte: PNAD 1992 e 1999

Tabela 02

Porcentagem da PEA segundo sexo e faixas etárias

Idade	Brasil						RMSP					
	homem		mulher		Total		homem		mulher		Total	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
15-24	28,4	26,8	29,4	26,8	28,7	26,8	25,8	26,5	31,1	28,4	27,9	27,3
25-34	27,4	25,5	29,1	27,4	28,0	26,3	28,3	26,1	30,3	28,0	29,1	26,9
35-44	21,2	22,7	22,7	24,8	21,8	23,5	24,7	23,7	23,6	23,9	24,3	23,8
45 ou mais	23,1	25,0	18,9	21,0	21,5	23,4	21,2	23,7	15,0	19,6	18,7	22,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Antes de se refletir sobre ocupado é necessário expor o conceito utilizado. Aqui e em todo o demais dados relacionados, o conceito de ocupado é todo indivíduo que possui remuneração por exercer uma atividade produtiva ou que gasta mais de uma hora do seu dia para o autoconsumo e autoprodução ou não é remunerado, mas trabalha acima de 14 horas semanais. Agora, analisando a porcentagem de ocupados, tabela 03, verifica-se uma diminuição no percentual total de pessoas jovens, entre 15 e 34 anos, trabalhando no mercado brasileiro e da RMSP, enquanto eleva-se as pessoas com idade acima de 35 anos, ambos independentes quanto ao sexo. As quedas mais acentuadas dos valores percentuais ocorreram na faixa etária de 15 a 24 anos, enquanto que os acréscimos percentuais mais marcantes são na faixa de idade mais avançada. Além das interferência das alterações ocorridas na PEA e PIA já expostos anteriormente, essa variação percentual etária, quanto as mulheres, pode ser explicada parcialmente pela não saída das mulheres do mercado aos terem filhos, motivadas pela

extensão da licença-gestante para 120 dias, sem prejuízo do emprego e do salário, na Constituição de 1998. Outro motivo é a permanência daquelas mulheres que já haviam iniciado atividades (BRUSCHINI, WAJMAN & RIOS-NETO).

Tabela 03

**Porcentagem de ocupados segundo sexo e faixas etárias**

Idade	Brasil						RMSP					
	homem		mulher		Total		homem		mulher		Total	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
15-24	26,9	24,6	27,1	23,4	27,0	24,2	23,6	22,4	28,5	23,2	25,5	22,7
25-34	27,6	25,9	29,1	27,5	28,1	26,5	28,7	27,0	30,3	28,6	29,3	27,6
35-44	21,6	23,5	23,6	26,2	22,4	24,5	25,4	25,1	24,8	26,0	25,2	25,5
45 ou mais	23,8	26,0	20,2	22,9	22,5	24,8	22,3	25,5	16,4	22,2	20,0	24,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

A taxa de ocupação, população ocupada dividido por população economicamente ativa, caiu em todas as faixas etárias e indiferentemente do sexo ao compararmos 1992 e 1999 (observe a tabela 4). Este ano é marcado por estagnação devido, principalmente, a retração da atividade econômica industrial. As mais afetadas foram as mulheres mais jovens, pois, como pode ser visto na tabela 04, a taxa de ocupação brasileira caiu de 83,8% em 1992 para 75,5% em 1999. A taxa de ocupação feminina da RMSP na primeira faixa de idade foi de 80,1% em 1992 para 65,4% em 1999. Os homens mais jovens também apresentam queda mais elevada na taxa de ocupação. Outro fator de atenção para as duas regiões de análise é a taxa de ocupação maior para os homens.

Tabela 04

**Taxa de ocupação (%) segundo sexo e faixas etárias para os anos de 1992 e 1999**

Idade	Brasil						RMSP					
	homem		mulher		Total		homem		mulher		Total	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
15-24	89,5	84,2	83,8	75,5	87,4	80,8	83,2	73,5	80,1	65,4	81,8	69,9
25-34	95,0	92,9	91,0	86,7	93,5	90,3	92,6	90,0	87,4	81,8	90,5	86,4
35-44	96,2	95,1	94,6	91,3	95,5	93,5	93,7	92,2	91,8	87,3	93,0	90,1
45 ou mais	97,4	95,4	97,2	94,4	97,3	95,1	95,9	93,6	95,5	90,9	95,8	92,6
Total	94,2	91,7	90,9	86,5	93,0	89,6	91,1	87,0	87,4	80,2	89,7	84,1

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Como era de se esperar, as taxas de desemprego aberto (população em desemprego aberto dividido pela PEA) refletiram-se mais fortemente sobre os mais

jovens e mais intensamente sobre as mulheres. A superioridade do desemprego feminino frente ao masculino pode ser explicado parcialmente pela maior sazonalidade dos trabalhos femininos, pela crescente disputa atual entre os sexos por postos de trabalho no setor de serviços, manifestação do desemprego de forma rápida no setor de serviços que é mais aberto ao ingresso das mulheres, maior sensibilidade quanto a variação do PIB (LAVINAS, 1999).

Tabela 05

**Taxa de Desemprego (%) segundo sexo e faixas etárias para os anos de 1992 e 1999**

Idade	Brasil						RMSP					
	homem		mulher		Total		homem		mulher		Total	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
15-24	10,5	15,8	16,2	24,5	12,6	19,2	16,8	26,5	19,9	34,6	18,2	30,1
25-34	5,0	7,1	9,0	13,3	6,5	9,7	7,4	10,0	12,6	18,2	9,5	13,6
35-44	3,8	4,9	5,4	8,7	4,5	6,5	6,3	7,8	8,2	12,7	7,0	9,9
45 ou mais	2,6	4,6	2,8	5,6	2,7	4,9	4,1	6,4	4,5	9,1	4,2	7,4
Total	5,8	8,3	9,1	13,5	7,0	10,4	8,9	13,0	12,6	19,8	10,3	15,9

Fonte: PNAD 1992 e 1999

A taxa de participação é a relação entre a PEA e PIA e indica o volume relativo da população que está no mercado de trabalho. Na tabela 06, verifica-se um diminuição da participação dos homens em todas as faixas e nas duas regiões de análise, destacando-se mais fortemente na idade jovem. Já a taxa de participação das mulheres, no Brasil e na RMSP, decresceu para a faixa etária mais jovens e elevou-se nas demais idades. A menor participação dos jovens pode ser explicada pela obrigatoriedade de frequência à escola e as restrições legais ao trabalho à esses (WAJMAN & RIOS-NETO).

Tabela 06

**Taxa de participação (%) segundo sexo e faixas etárias para os anos de 1992 e 1999**

Idade	Brasil						RMSP					
	homem		mulher		Total		homem		mulher		Total	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
15-24	80,6	73,7	49,9	49,4	65,2	61,6	80,0	72,2	58,1	56,8	68,6	64,5
25-34	95,7	94,9	57,2	62,7	75,7	78,2	96,5	93,9	61,9	67,9	78,5	80,3
35-44	95,4	94,6	57,9	62,9	76,1	78,1	95,8	94,6	54,6	62,2	74,3	77,4
45 ou mais	70,1	68,2	30,5	33,9	49,0	50,1	67,4	64,4	26,5	33,8	45,3	48,0
Total	84,1	80,7	47,4	50,2	65,1	65,0	84,1	79,1	49,4	53,3	65,9	65,6

Fonte: PNAD 1992 e 1998

Com a variação das situações econômicas e a reestruturação produtiva houve modificação nas distribuições dos homens e mulheres nos ramos de atividade e nas posições na ocupação entre 1992 e 1999. Na tabela 07 a seguir, observa-se no Brasil serem os ramos agrícola, indústria de transformação, comércio de mercadorias e prestação de serviços, os de maior participação masculina, destacando-se o agrícola com cerca de 24,1% dos trabalhadores. Já o sexo feminino atua principalmente nos ramos de prestação de serviços, assistência social, comércio de mercadorias e agrícola, mas no ramo de prestação de serviços há o maior número de trabalhadoras, 32,2%. Diferenças são facilmente notadas ao passarmos a analisar a RMSP, o ramo agrícola possui pouco destaque, sendo a indústria de transformação o ramo de maior demanda de trabalho masculina e para as mulheres, quase com os mesmos pontos percentuais do Brasil, os ramos de comércio de mercadorias, prestação de serviços, assistência social. É importante ressaltar a queda na distribuição relativa de empregados na indústria de transformação.

Tabela07

**Porcentagem de ocupados segundo ramos de atividade e sexo**

ramos de atividade	Brasil						RMSP					
	Homem		Mulher		Total		Homem		Mulher		Total	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
agrícola	<b>27,5</b>	<b>24,1</b>	<b>14,6</b>	<b>12,3</b>	22,8	19,6	0,7	0,9	0,6	0,5	0,7	0,7
ind. transformação	<b>15,9</b>	<b>14,6</b>	10,3	9,6	13,9	12,7	<b>30,9</b>	<b>23,1</b>	19,6	13,6	26,5	19,2
ind. constr.	10,1	11,0	0,4	0,7	6,5	7,0	10,8	10,1	0,9	0,6	7,0	6,3
outras ativ. industr.	2,0	1,6	0,6	0,5	1,5	1,2	1,3	1,0	0,4	0,2	0,9	0,7
comércio mercadorias	<b>12,7</b>	<b>13,5</b>	<b>12,9</b>	<b>14,6</b>	12,8	13,9	<b>14,5</b>	<b>17,0</b>	<b>14,8</b>	<b>16,0</b>	14,6	16,6
prestação serviços	<b>11,2</b>	<b>12,8</b>	<b>31,7</b>	<b>32,2</b>	18,8	20,3	<b>15,7</b>	<b>18,2</b>	<b>29,3</b>	<b>32,6</b>	20,9	24,0
serv. aux. ativ. econ.	3,4	4,6	2,9	3,7	3,2	4,2	6,1	8,6	5,8	7,6	6,0	8,2
transporte/comunic.	5,6	6,3	0,9	1,1	3,9	4,3	7,2	8,3	1,5	2,2	5,0	5,8
social	3,6	4,2	<b>18,9</b>	<b>19,3</b>	9,2	10,0	4,2	5,5	<b>17,9</b>	<b>19,0</b>	9,4	10,9
adm. pública	5,5	5,2	4,4	4,2	5,1	4,8	3,6	3,7	3,8	3,0	3,7	3,4
outras ativ.	2,5	2,0	2,4	1,9	2,4	2,0	5,0	3,7	5,4	4,7	5,1	4,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Exceto nos ramos de prestação de serviços e assistência social, prevalece a mão-de-obra masculina (observe a tabela 08). No Brasil e na RMSP, a indústria de construção é onde há maior proporção de trabalhadores do sexo masculino, já no ramo de assistência social predomina as trabalhadoras. Em geral, os ramos de atividade que utilizam-se de da maior parte de trabalho masculino apresentaram, de 1992 a 1999,

uma queda em seus valores percentuais ganhando lugar a maior participação das mulheres. No entanto, em alguns ramos de atividades característicos da mulher, como prestação de serviços e assistência social no Brasil e prestação de serviços na RMSP, ampliou-se a participação masculina. Por outro lado, elevou-se a participação das mulheres no ramo de outras atividades (financeiras e imobiliárias) e, no Brasil, o ramo de comércio de mercadorias.

Tabela08

**Distribuição de ocupados segundo ramos de atividade e sexo**

ramos de atividade	Brasil				RMSP			
	Homem		Mulher		Homem		Mulher	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
agrícola	76,4	75,8	23,6	24,2	64,3	70,0	35,7	30,0
ind. transformação	72,7	70,9	27,3	29,1	71,5	71,5	28,5	28,5
ind. constr.	97,7	96,3	2,3	3,7	95,1	96,3	4,9	3,7
outras ativ. industr.	84,7	84,8	15,3	15,2	85,5	87,0	14,5	13,0
comércio mercadorias	62,8	59,7	37,2	40,3	61,1	61,1	38,9	38,9
prestação serviços	37,8	38,9	62,2	61,1	46,2	45,1	53,8	54,9
serv. aux. ativ. econ.	67,2	66,3	32,8	33,7	62,6	62,6	37,4	37,4
transporte/comunic. social	91,3	90,5	8,7	9,5	88,5	85,1	11,5	14,9
adm. pública	24,5	25,7	75,5	74,3	27,2	29,8	72,8	70,2
outras ativ.	68,2	66,6	31,8	33,4	60,1	64,7	39,9	35,3
Total	63,8	62,5	36,2	37,5	59,6	53,6	40,4	46,4
Total	63,2	61,5	36,8	38,5	61,5	59,6	38,5	40,4

A aceleração do processo de terceirização da economia brasileira motivada pela rápida abertura comercial e ausência de políticas de apoio ao setor produtivo proporcionou transformações no mercado de trabalho, havendo multiplicação do número de empregos informais, principalmente os trabalhos por conta própria, os serviços domésticos e o número de pequenas empresas empregadores, e estagnação da oferta de empregos formais, principalmente os empregos com carteira. Como pode ser visto na tabela 09, o número de ocupações com carteira assinada somente não diminuiu para o total das mulheres brasileiras, no entanto, ao se observar os valores percentuais que expressam o número de ocupações com carteira sobre o total de ocupações, conclui-se existir menor proporção de trabalhos com carteira assinada.

Tabela 09

**Número de empregados com carteira assinada segundo sexo e ano**

	Homem				Mulher			
	1992		1999		1992		1998	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
Brasil	13.151.784	35,7	12.219.594	32,9	6.090.976	28,3	6.206.240	26,7
RMSP	2.295.551	57,6	1.968.872	48,1	1.214.260	48,7	1.118.695	40,4

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Como esperado, pode-se confirmar, na tabela 10, a ampliação das posições de domésticas, conta própria, empregadores e outras, estas características do emprego informal. Quanto as posições predominantes, em ambas as regiões, destaca-se para ambos os sexos os empregados com carteira assinada, mas a segunda posição em importância para os homens é a de trabalhadores por conta própria e para as mulheres é a doméstica. Na RMSP há uma número relativo muito maior, tanto para os homens quanto para as mulheres, de empregados com carteira assinada.

Tabela 10

**Porcentagem de ocupados segundo posição na ocupação e sexo**

posição na ocupação principal	Brasil						RMSP					
	Homem		Mulher		Total		Homem		Mulher		Total	
	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999	1992	1999
empr cart. assinada	<b>35,7</b>	<b>32,9</b>	<b>28,4</b>	<b>26,7</b>	<b>33,0</b>	<b>30,6</b>	<b>57,6</b>	<b>48,1</b>	<b>48,7</b>	<b>40,4</b>	<b>54,1</b>	<b>45,0</b>
func. public.	5,0	5,1	9,9	9,7	6,8	6,9	4,5	3,7	9,1	8,4	6,3	5,6
outros	<b>20,7</b>	<b>21,3</b>	<b>11,4</b>	<b>13,1</b>	<b>17,3</b>	<b>18,1</b>	<b>11,5</b>	<b>17,6</b>	<b>9,4</b>	<b>13,6</b>	<b>10,7</b>	<b>16,0</b>
empr. sem decl.	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0		0,1		0,0	
doméstica	<b>0,6</b>	<b>0,9</b>	<b>17,7</b>	<b>18,9</b>	<b>6,9</b>	<b>7,8</b>	<b>0,6</b>	<b>0,9</b>	<b>14,6</b>	<b>17,7</b>	<b>6,0</b>	<b>7,7</b>
conta própria	<b>27,1</b>	<b>29,1</b>	<b>18,6</b>	<b>17,7</b>	<b>23,9</b>	<b>24,7</b>	<b>19,0</b>	<b>22,8</b>	<b>13,3</b>	<b>14,7</b>	<b>16,9</b>	<b>19,5</b>
empregadores	<b>5,5</b>	<b>5,7</b>	<b>1,8</b>	<b>2,5</b>	<b>4,1</b>	<b>4,5</b>	<b>5,6</b>	<b>5,7</b>	<b>1,9</b>	<b>2,5</b>	<b>4,2</b>	<b>4,4</b>
não remunerados	5,4	5,0	12,1	11,3	7,9	7,4	1,1	1,1	2,9	2,8	1,8	1,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

As alterações observadas no mercado de trabalho pela análises feitas neste capítulo podem ser resumidas em: o crescimento da PIA foi mais intenso na faixa etária de 45 anos ou mais e, atualmente, também predomina esta faixa na proporção da PIA; na PEA os mais jovens (de 15 a 24 anos) possuem maior participação e elevou-se em mais de 2 pontos percentuais a participação das mulheres na PEA total entre 1992 e 1999; o número de jovens ocupados no mercado vem caindo e amplia-se as ocupadas

com idade superior a 45 anos; a taxa de ocupação caiu no Brasil e na RMSP, estando as quedas mais acentuadas na faixa mais jovens; a taxa de desemprego é maior nas mulheres, independente da faixa etária; a taxa de participação masculina vêm caindo tanto na RMSP como no Brasil, sendo mais abrupta nos mais jovens e a taxa feminina decresceu-se nas mais jovens e elevou-se nas de idade mais avançada; o ramo de maior atuação feminina é o de prestação de serviços, mas neste vêm ganhando espaço o homem, já no Brasil o ramo de maior atuação dos homens é o agrícola, enquanto que na RMSP é da indústria de transformação; amplia-se o número de trabalhadores sem carteira assinada e as posições de doméstica e conta própria aumentam.

Como pode-se perceber, na década de 90, houve um aumento da busca de empregos por parte das mulheres no mercado brasileiro e da RMSP. No entanto, ao longo da década, o número de empregos ofertados não foi suficiente para preencher as demandas, fazendo a taxa de ocupação cair. Soma-se a isto, o baixo crescimento do ramo da indústria de transformação, característico dos homens, provocando uma disputa maior por empregos no ramo de prestação de serviços, este predominantemente feminino. Os desfavorecimento da inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro na época da análise é visível. Espera-se ver quais foram os efeitos destas condições negativas sobre os grupos característicos existentes no mercado.

## 2 - As Metodologias e os Problemas para se Analisar a Mobilidade Social

Neste capítulo pretende-se formalizar o significado de mobilidade social, expor as metodologias utilizadas por pesquisadores para avaliar a mobilidade social em um período determinado, descrever os problemas citados por estes e detalhar a metodologia a ser aplicada no capítulo seguinte para formação das classes hierárquicas homogêneas.

A mobilidade social em sentido geral pode ser denominada como "toda transição de um indivíduo, objeto ou valor social ... de uma posição social a outra" (SOROKIN, P. A. *Estratificación y movilidad social*. México, Instituto de Investigaciones Sociales de la Univ. Nacional, 1956. p. 408). Esta pode ser vertical ou horizontal. A vertical advém do processo de transação entre grupos hierárquicos distintos e a horizontal surge a partir de mudanças internas à um grupo.

O foco da mobilidade pode ser os objetos sociais ou as pessoas. A mobilidade de pessoas é dividida em dois ramos: de indivíduos e de grupos. No entanto, o objeto de análise deste estudo é a mobilidade de grupos. Os grupos podem após um tempo sofrer alterações específicas, como o aumento de escolaridade, modificarem sua área de atuação ou sua condição econômica, possibilitando a ascensão de camada social dentro de uma mesma hierarquia, ascensão de um nível hierárquico ou formação de um novo grupo hierárquico.

Há três tipos de mobilidade social analisados pelos estudiosos: a mobilidade intrageracional, a intergeracional e a total. A intrageracional é mudança de posição hierárquica analisando-se as carreiras dos indivíduos, ou seja, faz-se uma comparação da situação do mesmo indivíduo em dois tempos distintos. A mobilidade intergeracional é a comparação das situações de um indivíduo com situações de seus familiares, geralmente o pai. A mobilidade social total é alteração provocada por três causas: individual, reprodutiva e tecnológica. A individual é quando há um rebaixamento de um indivíduo e sobra uma posição para a ascensão de um outro. A reprodutiva surge devido as famílias não possuírem representantes suficientes para as

posições existentes. A tecnológica ocorre a partir de mudanças na tecnologia que possibilitem alteração na distribuição ocupacional.

Portanto, para se analisar a mobilidade social é necessário criar tipos específicos de estratificações que representem da melhor forma os aspectos hierárquicos da sociedade e as condições específicas de cada grupo. É isso que alguns autores citados a seguir buscaram em seus estudos e nesses apresentaram os problemas observados.

Hansenbalg e Valle, no texto "Industrialização e estrutura de emprego", buscam descrever as modificações na estrutura de emprego ocorridas no Brasil entre 1960 e 1980. Esse período apresentou rápidas mudanças estruturais, afetando o setor de emprego. É marcado por elevadas taxas de crescimento econômico e ritmo acelerado de urbanização e transferência de força de trabalho para fora do setor primário.

Para mostrar o impacto dos processos de urbanização e industrialização sobre a estrutura ocupacional nesta época, criou-se uma escala ocupacional composta por dez estratos organizados hierarquicamente, para tanto foi levado em consideração a posição sócio-econômica. Esses dez grupos hierárquicos deram origem a quatro ordens ocupacionais: agrícola, trabalhadores manuais nos setores industriais, trabalhadores manuais no comércio e serviços e trabalhadores não manuais. Selecionou-se um subconjunto de indivíduos do sexo masculino. As informações referentes à ocupação atual do respondente, à sua primeira ocupação e à ocupação de seu pai no momento que o respondente entrou no mercado de trabalho, foram codificadas nos dez estratos ocupacionais. Construiu-se três tabelas cruzadas: a primeira para representar a "mobilidade ocupacional total" (ocupação do pai x ocupação atual), assim denominada pelo autor, a segunda, para representar a mobilidade intergeracional (ocupação do pai x primeira ocupação) e a última, para representar a mobilidade intrageracional ou "de carreira"(primeira ocupação x ocupação atual).

Com o intuito de calcular o efeito das mudanças estruturais no mercado brasileiro, são utilizados dois procedimentos: índice de dissimilaridade e o método iterativo de ajustamento proporcional de tabelas. A partir da comparação dos dados

adquiridos com a utilização dos dois métodos, chega-se a uma lógica hierárquica dos diversos grupos e os fluxos de saída e entrada de trabalhadores entre os estratos.

Os problemas observados pelos próprios autores foram a grande semelhança de ocupações entre alguns estratos e que, havendo movimento entre os estratos, nem sempre pode ser considerada como ascendência ou descendência sócio-econômica. Além disso, existem ocupações que estão na fronteira entre estratos, sendo necessário utilizar um método classificatório próprio para distinguí-los e retirá-los da fronteira. Ainda, as diferentes faixas etárias dos filhos e o número de filhos nas famílias dificulta uma comparação simples que relacione as ocupações dos pais e filhos como uma transformação demográfica que leva uma geração de pais a serem substituída por uma geração de filhos. Outro fator, a soma das ocupações dos pais em cada estrato não podem ser considerada uma distribuição ocupacional de uma geração de pais, mas uma distribuição ocupacional hipotética.

No texto "Categorias sócio-ocupacionais: uma perspectiva para análise da força de trabalho e da distribuição de rendimentos no Brasil" organizado por Ângela Filqueiras Jorge et al, na construção das categorias sócio-ocupacionais são utilizadas, além da posição na ocupação, as variáveis de ocupação (manual, não manual e hierarquias na produção), nível de instrução e especialização setorial, setor de atividade.

O desenvolvimento inicial das categorias parte da variável de posição na ocupação, a qual possui as seguintes classificações: empregador, empregados, autônomos, empregados domésticos, parceiros e não remunerados. Analisando integralmente cada classificação, o autor observa suas especificidades e utiliza-se das demais variáveis para distinguir as diferentes categorias trabalhistas existentes. Assim, uma classificação de posição pode gerar, na maioria das vezes, quando auxiliada a variável de ocupação (manual ou não manual), duas categorias distintas. Estas não necessariamente estarão em seqüência na hierarquia das categorias sócio-ocupacionais.

São apresentados os seguintes problemas ao se formular as categorias hierárquicas: as informações disponíveis apenas possibilitam uma compreensão precária da articulação entre a posição na ocupação e as diferentes formas de organização da produção; na classificação da ocupação em manual ou não manual foi

necessário a intervenção arbitrária devido a existência de atividades intermediárias entre essas duas classificações.

Pastore e Haller, no texto “O que está acontecendo com a mobilidade social no Brasil?”, comparam a mobilidade social das décadas de 50 a 70 com a mobilidade da década de 80. As variáveis utilizadas para a criação das categorias sociais, próximo do modelo apresentado anteriormente, é o caráter homogêneo das ocupações (posição na ocupação e tipo de trabalho), a idade, sexo, renda e educação. Após selecionado os pesos das variáveis são gerados escores. A partir da proximidade entre esses escores formou-se 6 classes sociais hierárquicas e nessas foram avaliadas as mobilidades intra e intergeracional.

Com a análise dos dados, os pesquisadores observaram haver duas mobilidades distintas, uma até a década de 70 e outra na década de 80. Essas são classificadas em estrutural e circular, respectivamente. Na mobilidade estrutural para haver ascensão numa categoria não há necessidade de outra descer ou desocupar essa posição, ou seja, o indivíduo sobe de *status* devido o surgimento de uma nova posição. Em países com alto índice de industrialização, verifica-se a mobilidade circular. Nesses países, como o número de ocupações de maior *status* é mais estável, para a pessoa melhorar de categoria social é necessário a desocupação da posição (morte, aposentadoria ou descensão social). Na mobilidade circular, cada vez mais, o grau de instrução passa a ser um pré-requisito para a obtenção de ocupação, assim como as variáveis individuais.

Em “Migração e Mobilidade Social” de Januzzi, os grupos ocupacionais hierárquicos surgem do cruzamento e combinação entre as ocupações com auxílio de técnicas multivariadas, dando origem a 29 grupos. Posteriormente foram criadas classes baseadas no perfil médio da escolaridade e na mediana do rendimento, sendo essas utilizadas para a construção da escala sócio-ocupacional. Grupos pertencentes a classes baixas de rendimento e escolaridade são considerados como baixo nível sócio-ocupacional. Assim, origina-se quatro categorias sócio-ocupacionais (ordens hierárquicas): baixo, médio baixo, médio alto e alto. Para conferir a validação necessária para o emprego nas análises pretendidas, o autor utiliza-se de três métodos: consistência interna, confiabilidade e validade de constructo.

Este autor fala das dificuldades metodológicas de comparação entre duas fontes. Pois as fontes utilizadas se distinguem nos destinos, na natureza da coleta e organização dos dados, nos conceitos e categorias analíticas empregadas, nos questionários, no período de coleta e prazo de coleta, período de referência, metodologia de construção dos indicadores e taxas. Outra dificuldade encontrada é a escolha das variáveis que irão retratar o indicador de *status* ou forma de inserção individual na estrutura social.

Tradicionalmente é utilizado uma escala hierarquizada das ocupações e profissões para classificar o indivíduo nos degraus da pirâmide social, sendo este o método utilizado pelos autores analisados anteriormente. A crítica feita a esse método é a complexidade de construção de classificações e hierarquias ocupacionais devido a variedade de atividades ocupacionais, de formas de inserção no mercado de trabalho e de relações de trabalho. Outras *proxies* da inserção social do indivíduo são os dados de escolaridade, rendimento ou outro de autoclassificação. O autor diz apresentar deficiências metodológicas esses últimos indicadores, como: no caso da escolaridade, deslocamento entre medida e conceito; no caso do rendimento, problemas de lembrança e erros de declaração.

A mobilidade a ser estudada neste trabalho será a horizontal, ou seja, buscara-se analisar as modificações internas às ordens e aos grupos (estratos) hierárquicos formados. O foco da mobilidade são os grupos. Acreditando ser mais evidente a mobilidade circular no mercado de trabalho brasileiro entre os anos de referência, 1992 e 1999, escolheu-se o método não tradicional. Este método, já descrito anteriormente por Januzzi, utiliza-se de *proxies* de caráter individual e subjetivo para classificar os grupos sociais. As *proxies* selecionadas são o rendimento na ocupação principal, os anos de estudo, a duração da jornada de trabalho semanal e a idade das mulheres. A técnica utilizada para a formação dos grupos é a multivariada (ACM e AC). Ordens hierárquicas se originarão a partir da análise dos grupos formados. Posteriormente, os grupos serão observados quanto a posição na ocupação, ramo de atividade, tipo de família a que pertencem, posição e condição na família. Por último, através do método de Análise dos Componentes Principais (ACP) serão comparados as ordens e os grupo hierárquicos dos dois anos e observado as modificações que

ocorreram. Apesar das problemáticas mencionadas na utilização desta metodologia “alternativa”, acredita-se destacar os nichos existentes no mercado de trabalho através das variáveis individuais.

O capítulo seguinte retrata a metodologia aqui selecionada e apresenta seus resultados.

### **3 – Grupos Homogêneos de Mulheres**

O intuito neste capítulo é analisar os grupos homogêneos formados com a utilização dos métodos de ACM e AC para os anos 1992 e 1999. Em seguida será feita a busca dos grupos semelhantes entre os dois respectivos anos através dos métodos computacionais de ACP e AC. Espera-se que os pares formados sejam compostos por um grupo de cada ano, não sejam muito distintos e que possibilite, posteriormente, retratar a evolução da inserção da mulher na RMSP. Por último, a diferenciação entre os pares e os padrões de inserção serão melhor descrita, iniciando o estudo com o ano referente ao começo da década, 1992, e o comparando com o ano de término da década, 1999.

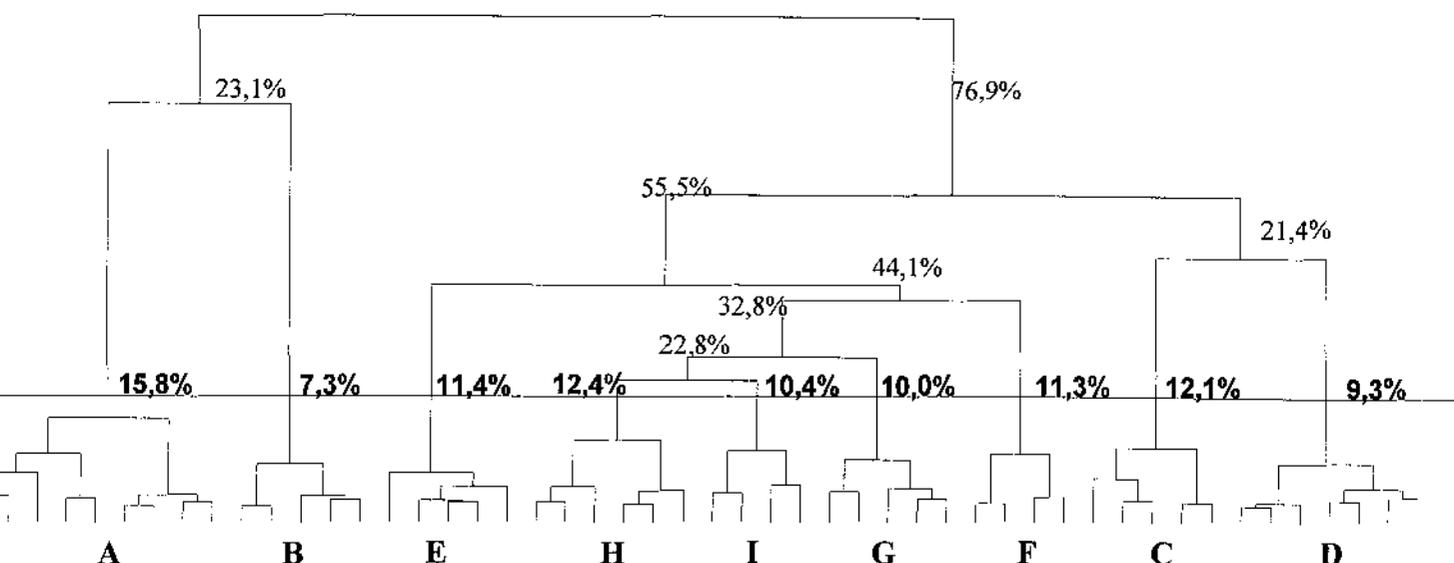
#### **3.1. – Análise dos Grupos Homogêneos para o ano de 1992**

##### **3.1.1. -- Descrição dos Grupos Homogêneos**

Utilizando-se dos métodos de ACM e AC obteve-se, para as mulheres ocupadas na RMSP em 1992, nove grupos (nomeados de A a I), todos distintos quanto às categorias das variáveis qualitativas, ou seja, formou-se grupos diferentes quanto às faixas propostas no capítulo introdutório das variáveis escolaridade, jornada de trabalho, renda na ocupação principal e idade.

A escolha de nove grupos pode ser justificada pelo dendograma a seguir:

### Esquema de classificação hierárquica: dendograma



Na primeira etapa da técnica de agrupamento utilizada surgiram dois grandes grupos, um constituído por 76,9% das mulheres da amostra e o outro por 23,1% restantes. Deste último surgiram dois grupos estáveis, A e B, com importância relativa de 15,8% e 7,3%, respectivamente. A quebra seguinte ocorreu com o grande grupo de peso de 76,9%, originando dois novos grupos 55,5% e 21,4%, deste surgiram estáveis C e D, pesos relativos de 12,1% e 9,3%, respectivamente. O conjunto complementar de importância relativa de 55% divide-se em duas novas partes, surgindo o grupo E, peso relativo igual a 11,4%, e um complemento de 44,1%. Posteriormente deste origina-se o grupo F, representando 11,3% das mulheres na amostra. Da quebra do complemento de valor relativo igual a 32,8% estabiliza-se o grupo G, com 10% das mulheres da amostra. Na última divisão surgem os grupos H e I, com peso relativo igual a 12,4 % e 10,4%, respectivamente. Após esta análise verificou-se que nenhum dos grupos criados concentra grande parte das mulheres da amostra, os pesos relativos dos grupos estão entre 7,3% e 15,8%, identificando as diferentes classes existentes no mercado de trabalho brasileiro. A descrição de cada grupo formado é verificada a seguir:

### **Grupo A: “Mulheres adultas com elevados salários e alta escolaridade”**

Este juntamente com o grupo B é o primeiro grupo a surgir na formação dos grupos homogêneos. Tem como característica salários médio-alto na ocupação principal, aproximadamente 99,8% das mulheres presentes neste grupo possuem salários mensais entre 5 e 10 salários mínimos; alta escolaridade, sendo que 68,7% têm 11 anos ou mais de estudo; e são mulheres, em sua maioria, com idade superior a 25 anos e com maior concentração na faixa etária de 25 a 34 anos, esta faixa representa 42,6% das mulheres do grupo. Este grupo é o de maior representatividade, 15,8% das mulheres no mercado de trabalho da RMSP (Veja gráfico dos grupos homogêneos).

### **Grupo B: “Mulheres adultas com salários e escolaridade altos (no entanto estas duas classificações são superiores as do grupo A)”**

Neste grupo todas as mulheres possuem renda mensal acima de 10 salários mínimos e 95,5% destas têm idade superior a 25 anos. Igualmente ao grupo “A”, citado anteriormente, neste também predomina a faixa etária de 25 e 34 anos, representando cerca de 43,5% do total. Em relação a escolaridade, 83,6% das mulheres estudaram 11 anos ou mais, predominando a faixa de 15 anos ou mais de estudo. A importância deste grupo é de 7,3%, o menor grupo homogêneo formado. Geralmente são as mulheres que assumem cargos importantes nas firmas ou gerenciam seus próprios negócios.

### **Grupo C: “Mulheres maduras com pouquíssima instrução, salários médio-baixos e jornadas de trabalho mais longas”**

O fator marcante deste grupo que representa 12,1% das mulheres ocupadas é o baixo grau de instrução, todas com menos de 4 anos de estudo. Apesar do baixíssimo grau de escolaridade, 64,1% obtêm rendimentos mensais entre 1 e 5 salários mínimos, entretanto predomina a classificação entre 1 e 2 salários mínimos. Um dos motivos dos salários não serem muito baixo é a grande proporção de mulheres com jornadas de trabalho excessivas, destas 43,4% trabalham acima de 44 horas semanais. Este grupo possui, em geral, mulheres com idade superior a 35 anos, identificando-se um peso de

41,0% para as mulheres com idade superior a 45 anos. É um grupo com mulheres maduras e que trabalham jornadas semanais mais longas.

**Grupo D: “Mulheres com rendimento muito baixo, jornada parcial e baixa escolaridade”**

Este grupo tem como particularidade os baixos salários, todas apresentam rendimentos mensais inferiores a 1 SM. São mulheres pouco escolarizadas, 81,2% com no máximo 7 anos de estudo, e com jornadas parciais, 62,7% apresentam jornadas iguais ou inferiores a 39 horas. Corresponde a 9,3% do total das trabalhadoras da RMSP.

**Grupo E: “Mulheres relativamente jovens com instrução média-alta e salários intermediários”**

Este grupo representa 11,4% das ocupadas. Destas, 80,9% são integrantes das faixas etárias 15 a 24 anos e 25 a 34 anos, possuindo uma maior expressão a primeira faixa, 44,9%. Além disso, predomina um elevado grau de instrução, todas as trabalhadoras têm de 11 a 14 anos de estudo, e a maioria ganha de 2 a 5 salários mínimos mensais (76,8%). São mulheres jovens com elevada instrução e que devem estar iniciando sua carreira profissional.

**Grupo F: “Mulheres jovens com grau de instrução intermediário e rendimentos médio-baixos”**

A representatividade deste grupo é de 11,3% do total das trabalhadoras. Caracteriza-se por ter todas as integrantes um grau de escolaridade entre 8 e 10 anos. O rendimento mensal, em suma, está entre 1 e 5 salários mínimos, mas apesar de ter maior concentração destas na faixa de 1 a 2 SM (49,1%), a faixa de 2 a 5 SM possui, também, grande representatividade (37,6%). São mulheres jovens, pertencendo 83,0% a primeira faixa etária, ou seja, possuem idades entre 15 e 24 anos. Diferentemente do grupo anterior exposto, neste as trabalhadoras são mais jovens, com menores salários e grau de instrução.

### **Grupo G: “Mulheres relativamente jovens com grau de instrução e rendimento médio-baixos”**

O grupo “G” abrange 10,0% das mulheres ocupadas na RMSP e caracteriza-se por 95,7% ganharem entre 1 e 2 salários mínimos mensais. As trabalhadoras possuem baixa escolaridade, onde 98,3% destas estão na faixa de 4 e 7 anos de estudo. Relacionando-se a idade, 49,3% das mulheres estão na faixa de 15 a 24 anos, 33,0% na faixa de 24 a 34 anos e 17,7% tem mais de 45 anos.

### **Grupo H: “Mulheres com baixo grau de instrução e rendimentos intermediários”**

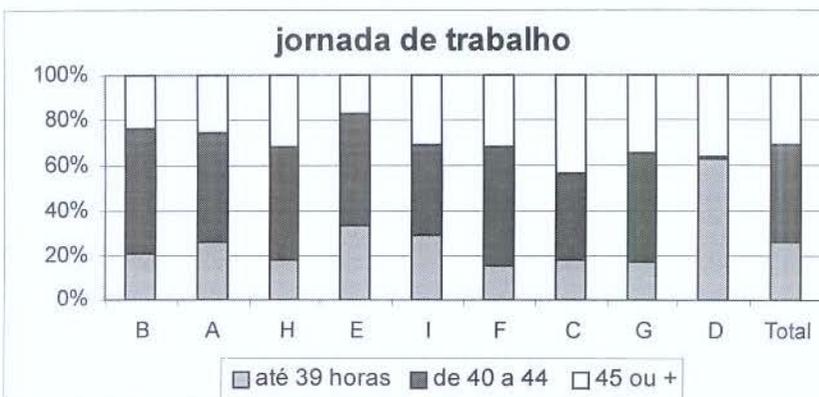
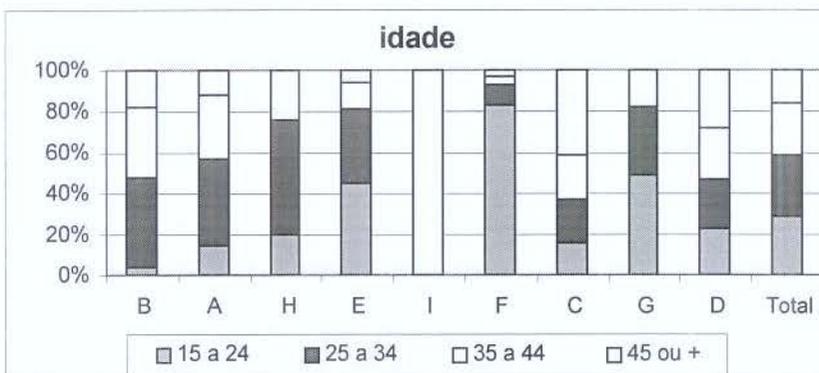
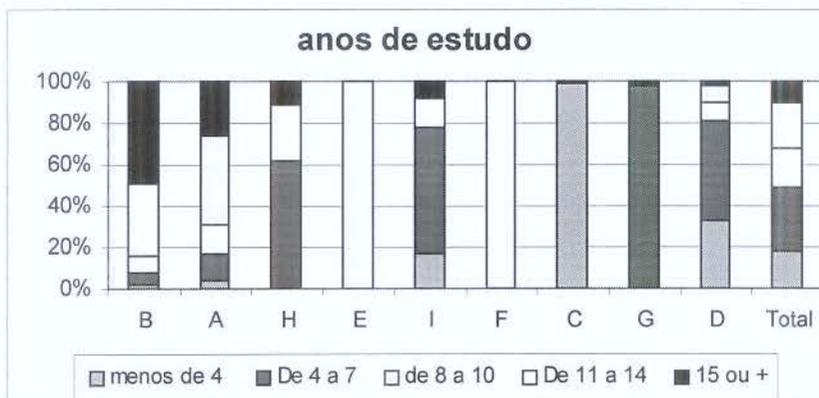
O peso deste grupo é de 12,4%. Tem como fator marcante os salários intermediários, 98,4% das trabalhadoras ganham de 2 a 5 salários mínimos ao mês. São mulheres, em sua maioria, com idade entre 25 e 34 anos (55,6%), equilibrando-se o resto da distribuição entre a faixa de 15 e 24 anos e a faixa de 45 anos ou mais. As trabalhadoras se concentram na faixas de escolaridade de 4 a 7 anos, peso de 62,2%.

### **Grupo I: “Mulheres adultas com baixa escolaridade e rendimento intermediário”**

O último grupo a ser formado possui importância igual a 10,4%. Neste todas as trabalhadoras têm idade entre 35 e 44 anos, 65,9% recebem salários mensais de 2 a 5 salários mínimos e 61,6% têm grau de instrução entre 4 e 7 anos.

Os gráficos correspondentes as variáveis e suas categorias para os grupos homogêneos expostos anteriormente estão representados a seguir. A coluna com a descrição “total” refere-se a soma de todas as mulheres ocupadas dos grupos homogêneos, ou seja, representa o total de mulheres ocupadas na região de São Paulo.

**Gráfico 07: Grupos homogêneos segundo rendimentos na ocupação principal, anos de estudo, idade e jornada de trabalho.**



Os nove grupos descritos anteriormente representam diferentes níveis hierárquicos, sendo mais destacada nesta formação hierárquica o nível de rendimento mensal e os anos de estudo. As variáveis de idade e jornada tornaram-se complementares, significando o não principal motivo da elevação do “status” ocupacional dessas mulheres no mercado de trabalho. O quadro abaixo descreve simplificada a ordem hierárquica dos nove grupos analisados.

**Quadro 1: Ordem hierárquica dos grupos homogêneos, classificados segundo nível de rendimento e anos de estudo.**

Grupos Homogêneos	Característica dos grupos	%
A e B	Mulheres adultas e escolarizadas com <b>salários elevados</b>	23,1
E, H e I	Mulheres com idades e grau de instrução distintos e com <b>salários intermediários</b>	34,2
C, D, F e G	Mulheres com idades e grau de instrução diferenciadas e com <b>salários baixos</b>	42,7

### 3.1.2. – Características individuais e familiares dos Grupos Homogêneos

Este item propõe analisar as situações dos diferentes grupos homogêneos no mercado de trabalho e suas características individuais. As variáveis analisadas são ramo de atividade, posição na ocupação principal, renda familiar mensal per capita, condição na família e tipo de família. O enfoque é retratar as características de cada grupo homogêneo quanto ao tipo de inserção no mercado de trabalho da RMSP no ano 1992, gerando perfis para cada grupo.

#### **Grupos com rendimentos elevados**

Os grupos com maiores rendimentos, alta escolaridade, em idade adulta e que somados representam 23,1% do total, B e A, têm como característica marcante as ocupações em ramos de atividade sociais (25,3% e 29,2%, respectivamente), indústria de transformação e comércio de mercadorias com menor significância, conforme pode

ser visto na tabela 01. Os trabalhos no ramo de atividade sociais está relacionado aos setores de saúde, educação e assistência social. Em relação a posição assumida no trabalho principal (tabela 02), prevalece as mulheres que são empregadas com carteira assinada (56,4% para B e 60,7% para A), com menor peso as funcionárias públicas e as trabalhadoras por conta própria. É importante ressaltar a porcentagem de mulheres empregadoras no grupo B (10,7%), sendo um dos motivos para este possuir salários mais elevados do que A.

Iniciando a análise familiar, as mulheres são em sua maioria cônjuge nas famílias (53,8% para B e 46,9% para A) e mais que a quarta parte das integrantes são as chefes de família para B e filha para A (vide tabela 03). Além desta última distinção, as mulheres pertencentes ao grupo A possuem predominantemente renda mensal familiar per capita entre 2 e 5 salários mínimos (50,7%), já no grupo B, metade das trabalhadoras têm esta renda igual ou superior a 10 salários mínimos (tabela 04). Por último, verifica-se na tabela 05, que estas são, em grande parte, mulheres casadas (64,0% para B e 66,3% para A), predominando em ambos os grupos casais com filhos menores de 14 anos (31,1% de B e 24,9% de A) e nestas assumem a posição de cônjuge. Ainda, há um destaque para o grupo B, 12,9% das mulheres vivem só. São mulheres que não obtiveram filhos muito cedo, preocuparam-se inicialmente com a ascensão na carreira profissional e não são chefe de família.

### **Grupos com rendimentos intermediários**

Os grupos H, E e I juntamente representam 34,2% do total das trabalhadoras da RMSP e, em geral, apresentam em comum os salários medianos e possuem diferentes níveis de instrução e idade. Apesar de distribuição diferenciada, entre os grupos sobressaem quatro ramos de atividades: indústria de transformação, comércio de mercadorias, prestação de serviços e atividades sociais (verifique a tabela 11). O grupo H, com salários mais elevados dentre o dois outros, concentra-se na indústria de transformação (28,1%) e prestação de serviços (23,1%). Já o grupo E, que têm quase todas as suas integrantes média-alta escolaridade, encontra-se significamente no ramo de atividades sociais (28,6%). No grupo I, com mulheres mais maduras e menos escolarizadas, predomina os trabalhos no ramo de prestação de serviço (42,2%).

Quanto a posição na ocupação (tabela 12), nos três grupos predominam a empregada com carteira assinada. A segunda classificação de atuação no trabalho é a de funcionário público para os grupos H (18,1%) e E (30%), mas para o grupo de menor renda e estudo, I, prevalece o trabalho como doméstica e conta própria (ambos 20%).

As faixas de renda mensal familiar per capita mais significativas são as de 1 a 2 salários mínimos e de 2 a 5 salários mínimos, representando 80,6% das famílias as quais pertencem as mulheres do grupo H, 78,8% do grupo E e 69,0% do grupo I (tabela 03). Novamente, o grupo I de pior qualificação possui, ainda, 24,9% das famílias com renda per capita até 1 salário mínimo. A condição na família (tabela 04) de maior porcentagem é a de cônjuge para os grupos H (44,9%) e I (60,0%) e a de filha para o grupo E (50,9%). Referente ao tipo de família (tabela 05), as trabalhadoras dos três grupos pertencem, em maior proporção, a famílias com casal e com filhos. O grupo H possui 27,3% das mulheres em famílias com casal com todos os filhos menores de 14 anos, no grupo E, 30,6% estão em famílias com pelo menos um filho menor que 14 anos e outro maior de 14 anos e o grupo I, com mulheres de mais idade, classifica-se em famílias com filhos maiores de 14 anos.

### **Grupos com rendimentos baixos**

O peso deste último conjunto no qual pertencem os grupos F, C, G e D é de 42,7% do total das mulheres analisadas. São mulheres com baixos salários, pouco instruídas e de diferentes idades. Caracterizam-se por trabalharem na indústria de transformação, comércio de mercadorias e prestação de serviços (tabela 01). Os grupos C, G e D predominam no ramo de prestação de serviços (60,9%, 47,7% e 56,6%, respectivamente). Entretanto, o grupo F, de maior rendimento e escolaridade, prevalece com 26,1% na indústria de transformação e 25,6% no comércio de mercadorias. No ramo agrícola o grupo com maior distribuição é o D. Nos grupos F, C e G a maior proporção é de trabalhadoras com carteira assinada e para o grupo D a grande parte é doméstica (tabela 02). Além disso, para os grupos C e G, com baixa escolaridade, também verifica-se uma grande porcentagem de domésticas, sendo 37,2% do primeiro e 28,8% do segundo.

Entre as faixas de renda familiar per capita de 1 a 2 SM e de 2 a 5 SM encontra-se 73,8% das mulheres do grupo F (tabela 03), já os demais grupos estão entre as faixas de até 1 SM e de 1 a 2 SM. Sendo o grupo D com pior proporção, 43,5% das mulheres têm família com renda per capita igual ou inferior a 1 SM. São predominantemente filhas as integrantes do grupo F, são cônjuges nos grupos C e D e no grupo G equilibram-se ambas as condições na família (36,6% de cônjuge e 32,7% de filhas). As famílias são tipicamente casais com filhos, sendo que no grupo F predomina as famílias com maiores de 14 anos e nos demais grupos, famílias com filhos menores de 14 anos de idade. O agrupamento inicial a partir da distribuição dos salários mínimos não qualifica o grupo F corretamente, ou seja, este grupo de trabalhadoras com carteira assinada do ramo da indústria de transformação e comércio de mercadorias, jovens, com escolaridade intermediária, filhas e pertencentes a famílias com renda per capita média-baixa, classifica-se como média qualidade de inserção.

**Tabela 11: Distribuição dos grupos homogêneos de mulheres ocupadas nos ramos de atividade na RMSP em 1992**

Ramos	salários elevados		salários intermediários				salários baixos		
	B	A	H	E	I	F	C	G	D
agrícola			0,3		0,3	0,9	0,3		4,9
ind. transformação	19,6	18,7	28,1	17,4	17,2	26,1	13,5	28,4	7,0
ind. construção	1,3	1,6	1,0	1,7	0,3	0,3	0,3	0,7	0,7
outras ativ. industr.	2,2	0,6		0,3		0,3	0,3		
comércio mercadorias	12,9	14,2	15,7	14,0	10,9	25,6	7,5	10,8	20,2
prestação de serviços	6,7	10,5	23,1	8,3	42,2	15,8	60,9	47,7	56,4
serv. aux. ativ. econ.	8,9	7,2	4,7	8,9	3,8	9,2	3,2	2,3	3,1
transporte e comunic.	3,1	2,3	1,6	2,0	1,3	1,1	0,8	1,3	0,3
atividades sociais	25,3	29,2	18,9	28,6	20,0	12,6	9,2	5,9	6,3
adm. pública	8,9	5,3	3,9	8,0	2,8	1,7	1,6	1,6	
outras atividades	11,1	10,3	2,6	10,9	1,3	6,3	2,4	1,3	1,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD 1992 e 1999

**Tabela 12: Perfil dos grupos homogêneos de mulheres ocupadas segundo posição na ocupação na região metropolitana de São Paulo em 1992.**

Posição	Grupos		salários elevados				salários intermediários				salários baixos		
	B	A	H	E	I	F	C	G	D				
empr cart. assinada	56,4	60,7	58,5	56,9	41,6	67,0	38,8	42,2	5,6				
func. public. estatut.	18,7	21,0	18,1	30,0	16,6	18,1	12,1	18,0	12,9				
empreg sem carteira domest	0,4	1,0	10,2	1,7	20,0	6,3	37,2	28,8	31,0				
conta própria	13,8	13,2	11,5	9,1	20,0	6,9	11,3	10,1	24,4				
empregadoras	10,7	4,1	0,8	1,1	0,9		0,3	0,7					
não remunerados			0,8	0,9	0,9	1,4	0,3	0,3	26,1				
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>				

Fonte: PNAD 1992 e 1999

**Tabela 13: Distribuição das mulheres ocupadas na RMSP segundo grupos homogêneos e renda familiar per capita em SM.**

Renda Mensal Familiar per capita em SM	altos salários		médios salários				baixos salários		
	B	A	H	E	I	F	C	G	D
até 1		0,6	10,6	7,4	24,9	17,3	33,8	38,7	43,5
1 a 2		4,9	36,1	27,7	36,7	35,1	38,2	38,4	28,3
2 a 5	9,5	50,7	44,6	51,0	32,3	38,7	20,1	18,2	21,6
5 a 10	40,5	35,5	5,3	11,5	5,8	6,5	6,3	3,3	5,7
10 ou mais	50,0	8,2	3,4	2,4	0,3	2,4	1,6	1,3	1,1
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD 1992 e 1999

**Tabela 14: Distribuição das mulheres ocupadas segundo grupos homogêneos e a condição na família.**

condição na família	altos salários		médios salários				baixos salários		
	B	A	H	E	I	F	C	G	D
persona de referencia	27,1	21,4	24,4	11,7	27,8	11,5	30,7	19,6	17,1
cônjuge	53,8	46,9	44,9	30,3	60,0	22,1	50,4	36,6	60,6
filha	15,6	27,4	23,9	50,9	7,2	57,5	8,6	32,7	13,9
outra	3,6	4,3	6,8	7,1	5,0	8,9	10,2	11,1	8,4
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD 1992 e 1999

**Tabela 15: Distribuição das mulheres ocupadas segundo grupos homogêneos, tipo de família e condição na família**

tipo de família	condição na família	altos salários		médios salários				baixos salários		
		B	A	H	E	I	F	C	G	D
casal sem filhos	chefe	0,4	0,2		0,3	0,6	0,3	0,5		
	cônjuge	13,8	9,9	8,4	8,6	5,3	7,5	8,4	8,5	7,7
	outros	0,4	0,2	1,0	0,6	0,6	0,9	0,8	1,3	0,7
	Total	14,7	10,3	9,4	9,4	6,6	8,6	9,7	9,8	8,4
Casal com todos filhos < 14	chefe		0,2	0,5	0,3	0,3		0,3	0,7	
	cônjuge	30,7	23,7	25,2	16,9	16,9	12,4	18,1	20,3	27,2
	outros	0,4	1,0	1,6	0,6	1,3	2,6	2,7	2,3	2,8
	Total	31,1	24,9	27,3	17,7	18,4	14,9	21,0	23,2	30,0
Casal com filhos < 14 e >= 14	chefe	0,4		0,5	0,3			0,3		
	cônjuge	4,9	8,2	6,6	2,3	9,1	0,3	10,0	4,2	8,0
	filho	7,6	15,2	11,8	27,4	2,8	19,3	1,9	9,8	4,9
	outros	0,0	0,0	1,6	0,6	0,6	0,6	1,1	0,7	0,0
	Total	12,9	23,5	20,5	30,6	12,5	20,1	13,2	14,7	12,9
Casal com todos filhos >= 14	chefe	0,4		0,3	0,6	0,6	0,3		0,3	
	cônjuge	4,4	5,1	4,7	2,6	28,8	2,0	14,0	3,6	17,8
	filho	0,4	2,5	5,5	12,3		23,6	3,8	10,8	6,6
	outros	0,0	0,0	0,0	0,9	0,0	0,3	0,8	1,3	1,0
	Total	5,3	7,6	10,5	16,3	29,4	26,1	18,6	16,0	25,4
Mulher com todos filhos < 14	chefe	5,8	6,4	11,0	4,3	6,9	6,3	6,2	10,5	5,6
	outros	0,0	0,0	0,8	0,0	0,3	0,6	0,8	0,3	1,0
	Total	5,8	6,4	11,8	4,3	7,2	6,9	7,0	10,8	6,6
Mulher com filhos < 14 e >= 14	chefe	5,3	4,3	3,1	2,9	8,4	1,1	8,9	2,9	5,6
	filho	5,8	8,4	5,0	8,3	2,8	9,5	2,2	6,2	1,7
	outros	0,4	0,2	0,3	0,6	0,6	1,1	0,8	0,0	0,0
	Total	11,6	13,0	8,4	11,7	11,9	11,8	11,9	9,2	7,3
Mulher com todos filhos >= 14	chefe	1,8	1,4	2,1	0,3	7,8	0,3	6,2	2,0	1,7
	filho		0,8	0,8	1,7	0,6	4,3	0,8	4,6	0,7
	outros	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,3	0,3	0,0	0,0
	Total	1,8	2,3	3,1	2,0	8,4	4,9	7,3	6,5	2,4
mulher só	chefe	12,9	8,8	6,8	2,9	3,1	3,2	8,4	3,3	4,2
Outras famílias		4,0	3,3	2,1	5,1	2,5	3,4	3,0	6,5	2,8
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

### 3.1.3 – Absorção dos grupos homogêneos nos diferentes ramos e posições da ocupação para RMSP

A proposta é avaliar em que setores de atividade e em que posições na ocupação os grupos homogêneos possuem maior representatividade e qual é este nível de concentração.

Pode ser verificado pela tabela 06, que as piores ocupações estão relacionadas principalmente aos ramos agrícolas e prestação de serviços. No primeiro ramo predomina o grupo D (70%), no qual tem como característica baixíssimos salários e baixa escolaridade, ainda 15% deste ramo são integrantes do grupo F. Em prestações de serviço os grupo identificados são I, C, G e D (totalizam 73,8% do ramo), sendo estes em geral com escolaridade e salários baixos e de diferentes idades. Na indústria de transformação e no comércio de mercadorias destaca-se um fator importante, em ambos os ramos há remunerações altas (grupos A e H) e baixas (grupos F, G e D).

**Tabela 16: Perfil dos setores de atividade segundo os grupos homogêneos de mulheres ocupadas na RMSP em 1992**

Grupos	agrí- cola	ind. transf.	cons- trução	outras ativ. industr.	com. merc.	prest. serv.	serv. aux. ativ. econ.	transp. e comunic.	Ativ. sociais	adm. pública	outras ativ.	Total
B		7,3	<b>10,7</b>	<b>45,5</b>	6,4	1,7	<b>11,4</b>	<b>14,9</b>	10,4	<b>17,4</b>	<b>15,2</b>	7,3
A		<b>15,0</b>	<b>28,6</b>	<b>27,3</b>	<b>15,3</b>	5,6	<b>19,9</b>	<b>23,4</b>	<b>25,9</b>	<b>22,6</b>	<b>30,3</b>	15,8
H	5,0	<b>17,7</b>	<b>14,3</b>		<b>13,3</b>	9,7	<b>10,2</b>	<b>12,8</b>	<b>13,1</b>	<b>13,0</b>	6,1	12,4
E		10,1	<b>21,4</b>	9,1	10,9	3,2	<b>17,6</b>	<b>14,9</b>	<b>18,2</b>	<b>24,3</b>	<b>23,0</b>	11,4
I	5,0	9,1	3,6		7,8	<b>14,9</b>	6,8	8,5	<b>11,7</b>	7,8	2,4	10,4
F	<b>15,0</b>	<b>15,0</b>	3,6	9,1	<b>19,8</b>	6,1	<b>18,2</b>	8,5	8,0	5,2	<b>13,3</b>	11,3
C	5,0	8,3	3,6	9,1	6,2	<b>24,9</b>	6,8	6,4	6,2	5,2	5,5	12,1
G		<b>14,4</b>	7,1		7,3	<b>16,1</b>	4,0	8,5	3,3	4,3	2,4	10,0
D	<b>70,0</b>	3,3	7,1		<b>12,9</b>	<b>17,9</b>	5,1	2,1	3,3		1,8	9,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Por outro lado, as melhores ocupações estão nos ramos de outras atividades industriais (extração mineral e utilidade pública), de construção e de transporte e comunicação. Em outras atividades industriais, 72% das mulheres pertencem aos dois grupos de maior renda e de idade adulta, A (45,5%) e B (27,3%) Em construção e em

transporte e comunicação observa-se a concentração de mulheres dos grupos B, A, H e E (totalizando 75,0% e 66,0%). Nestes ramos exige-se maior grau de instrução.

Os demais ramos de atividade, serviços de auxílio as atividades econômicas, atividades sociais, administração pública e outras atividades (financeiras e imobiliárias), ofertam salários, em geral, superiores a 2 salários mínimos, ou seja, ocupam destes postos mulheres dos grupos B, A, H, E e I. Aparecem ainda o grupo F nos ramos de serviços auxiliares e outras atividades (18,2% e 13,3%, respectivamente).

Analisando as posições na ocupação utilizando-se a tabela 07, verifica-se que o grupo D, mulheres ocupadas no ramo agrícola com baixa renda e escolaridade, representam 82,4% das mulheres não remuneradas na RMSP. Empregadas com carteira e funcionárias públicas são em sua maioria pertencentes aos grupos homogêneos A, H, E e F. As empregadoras, como era de se esperar, são mulheres dos grupos de maior rendimento e escolaridade, A (42,1%) e B (35,1%), aqui encontra-se os postos de trabalho mais bem qualificados. Na posição de doméstica assumem maior importância os grupos I, C, G e D, estes postos têm como característica baixa escolaridade, sendo interessante observar que o grupo F, talvez por ter maior escolaridade, não se encontre nesta posição. São trabalhadoras por conta própria as mulheres dos distintos grupos A, I e D. As empregadas sem carteira assinada, com peso baixo ao se observar na tabela 02 citada anteriormente (0,1% do total na RMSP), pertencem aos grupos E (50,0%) e F (50,0%).

**Tabela 17: Perfil das posições na ocupação segundo grupos homogêneos de mulheres ocupadas RMSP em 1992.**

Grupos	emprega- da com carteira	func. public. estatutária	emprega- da sem carteira	doméstica	conta própria	emprega- doras	não remuner.	Total
B	8,5	7,4		0,2	7,7	<b>42,1</b>		7,3
A	<b>19,7</b>	<b>17,9</b>		1,1	<b>15,9</b>	<b>35,1</b>		15,8
H	<b>14,9</b>	<b>12,1</b>		8,6	10,9	5,3	3,3	12,4
E	<b>13,3</b>	<b>18,4</b>	<b>50,0</b>	1,3	8,0	7,0	3,3	11,4
I	8,9	9,3		<b>14,2</b>	<b>15,9</b>	5,3	3,3	10,4
F	<b>15,5</b>	<b>11,0</b>	<b>50,0</b>	4,9	6,0		5,5	11,3
C	9,6	7,9		<b>30,5</b>	10,4	1,8	1,1	12,1
G	8,6	9,6		<b>19,5</b>	7,7	3,5	1,1	10,0
D	1,1	6,5		<b>19,7</b>	<b>17,4</b>		<b>82,4</b>	9,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

### 3.1.4 – Padrões de Inserção para o Ano de 1992

Sendo a proposta deste item avaliar a qualidade dos empregos assumidos pelas mulheres na região metropolitana de São Paulo para o ano de 1992, constatou-se, com base nos estudos dos nove grupos homogêneos formados, três diferentes padrões qualitativos de inserção feminina . As três classificações estão descritas abaixo:

**1- Alto padrão de inserção feminina no mercado de trabalho:** as ocupações responsáveis por este padrão estão nos ramos de atividade sociais, indústria de transformação e comércio de mercadorias. Prevalece os empregos assalariados com carteira assinada e altas remunerações. São mulheres em idade adulta, instruídas, casadas e com filhos menores de 14 anos e que assumem a posição de cônjuge na família. São famílias com alta remuneração per capita. Representam este alto padrão de inserção os grupos B e A com peso de 23,1% do total

**2- Médio padrão de inserção feminina no mercado de trabalho:** este padrão é representado pelos ramos: indústria de transformação, comércio de mercadorias, prestação de serviços e atividades sociais. Encontram-se neste padrão os grupos H, E, I e F, a escolha deste último já foi explicado no detalhamento dos grupos com rendimentos intermediários do item 3.1.2. São mulheres com diferentes graus de instrução e idades, os grupos E e F possuem mais instrução e são mais jovens que os grupos H e I. Os empregos são, em sua maioria, de carteira assinada, com menor importância são os cargos de funcionárias públicas (grupo E), domésticas e trabalhadoras por conta própria (grupo I), todos estes com média remuneração. As famílias possuem média remuneração per capita e são, em geral, compostas por casais com filhos. São duas as condições na família que as mulheres assumem, filhas para os grupos E e F e cônjuge para os grupos H e I. Os quatro grupos representam 45,5% da amostra.

**3- Baixo padrão de inserção feminina no mercado de trabalho:** os grupos C, G e D classificam-se neste padrão, o qual caracteriza-se pelas mulheres possuem

baixos salários, pouca instrução e diferentes faixas etárias. O ramo principal de atuação é para os três grupos o de prestação de serviços. As mulheres dos grupos C e G são empregadas com carteira assinada e, em menor proporção, domésticas, já as representantes do grupo D posicionam-se principalmente como domésticas. As famílias são compostas de casais com filhos menores de 14 anos de idade e têm remuneração per capita baixa, a pior faixa de salários mínimos per capita é do grupo D. A posição assumida pelas as mulheres na família é a de cônjuge. Neste padrão de inserção estão 31,4% das mulheres da RMSP.

Pelas análises feitas para o ano de 1992 e os padrões obtidos, verificou-se a existência de uma gama heterogênea de ramos ocupacionais na RMSP as quais absorvem mulheres com distintos graus de instrução e faixas etárias. Mas há grande concentração em quatro destes ramos: indústria de transformação, comércio de mercadorias, prestação de serviços e atividades sociais (vide total da tabela 01). No entanto, como visto no item da absorção dos grupos homogêneos (3.1.3), as atividades com maiores remunerações estão nos ramos de outras atividades industriais, de construção e de transporte e comunicação. Além disso, ainda há uma grande concentração de mulheres inserindo-se no mercado de trabalho da RMSP com um baixo padrão qualitativo, 31,4% das mulheres.

No item a seguir será feito igualmente uma análise do ano de 1999, para, posteriormente, ser traçado de forma comparativamente como ocorreu a inserção da mulher na RMSP na década de 90 e quais foram as piores e as melhoras encontradas.

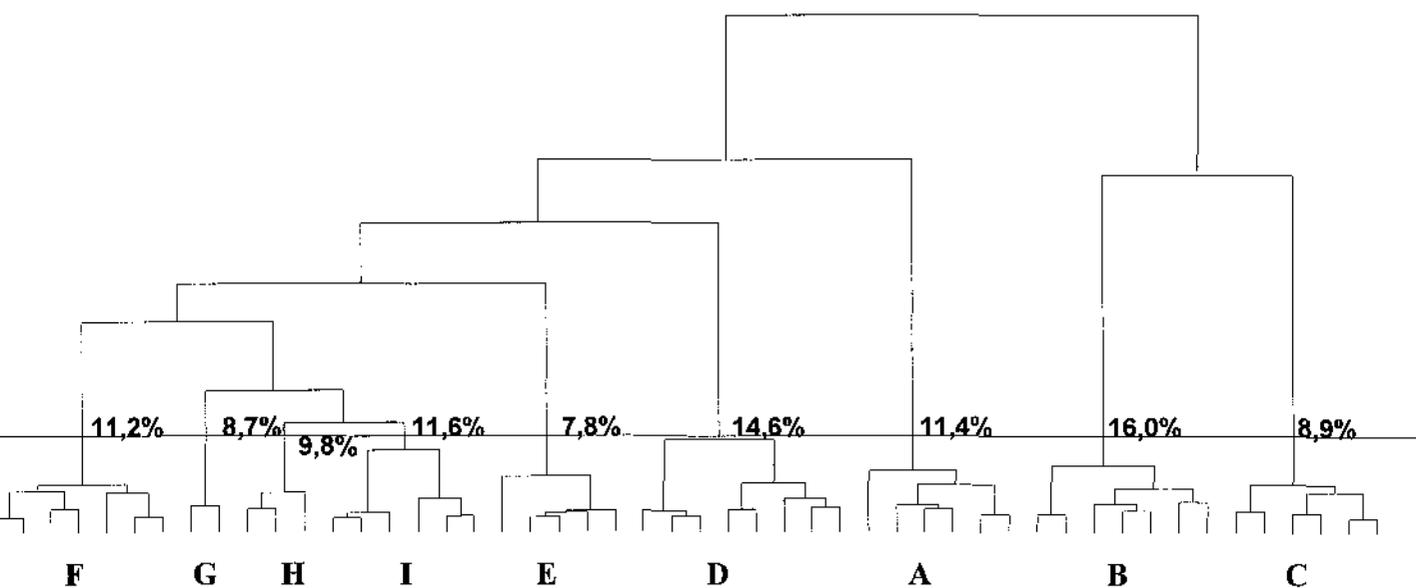
## 3.2. – Análise dos Grupos Homogêneos para o ano de 1999

### 3.2.1. – Descrição dos Grupos Homogêneos

Novamente os métodos utilizados para formação dos grupos homogêneos foram o ACM e o AC, chegando a nove grupos para as mulheres ocupadas na RMSP em 1999, estes nomeados de A a I. Assim, conforme ocorrido para 1992, todos os grupos formados são distintos quanto às categorias das variáveis qualitativas.

A decisão por nove grupos justifica-se pelo dendograma a seguir:

#### Esquema de classificação hierárquica: dendograma



Na primeira parte houve uma quebra em dois grandes grupos, um com 24,9% e outro com 75,1% das mulheres na amostra. Da quebra do conjunto maior estabilizou-se o primeiro grupo homogêneo, A, com peso relativo de 14,6% e surgiu o complemento de significância igual a 60,1%. Os dois grupos que surgem após ao grupo A, advêm do conjunto menor da primeira quebra, são B e C com significância de 16,0% e 8,9%, respectivamente. O próximo grupo a se originar do complemento restante é o D, com importância relativa igual a 14,6%. Da quebra seguinte surge o grupo E com peso relativo igual a 7,8%. Estabiliza-se posteriormente o grupo F, representando 11,2% das mulheres da amostra. O grupo G origina-se da ruptura seguinte, sendo que este possui peso relativo igual a 8,7%. O último complemento de valor igual a 21,4% divide-se e gera os dois últimos grupos homogêneos, H e I, com significância de 9,8% e 11,6%, respectivamente. Observa-se a não concentração de grande parte das mulheres em apenas um só grupo, ou seja, a importância relativas dos grupos está entre 7,8% e 14,6%, possibilitando representar as diferentes classes existentes no mercado de trabalho.

### **Grupo A: “ Mulheres maduras com médio-baixos salários e pouquíssima escolaridade”**

Este é o primeiro grupo a se estabilizar e possui significância de 11,4%. Suas integrantes têm como característica marcante a baixíssima escolaridade, todas possuem menos de 4 anos de estudo. Os salários mínimos mensais estão concentrados nas três faixas mais baixas, representando 96,7% do total. As faixas “até 1 SM”, “de 1 a 2 SM” e “de 2 a 5 SM” têm respectivamente peso relativo igual a 19,0%, 38,0% e 39,7%. Pela proximidade do peso relativo da segunda e da terceira faixa e, ainda, grande importância relativa da primeira faixa, este grupo foi classificado como médio-baixos salários. Quanto a idade, são mulheres, em sua maioria, com idade igual ou superior a 35 anos de idade, o que representando 76,0% do total das mulheres deste grupo (Veja gráfico dos grupos homogêneos).

### **Grupo B: “Mulheres com média-alta remuneração e alto grau de instrução”**

Este grupo representa 16,0% das ocupadas e caracteriza-se por todas as trabalhadoras receberem remuneração de 5 a 10 salários mínimos mensais. Além disso, 80% possuem 11 anos ou mais de estudo, sendo que a faixa de maior representatividade é a de 11 a 14 anos de estudo com importância relativa de 49,8%. Do total de mulheres, 65,3% possuem 25 anos ou mais, mas com maior representatividade está a faixa etária de 25 a 34 anos, 36,1% do total.

### **Grupo C: “Mulheres adultas com altos grau de instrução e salários (as duas qualificações são superiores a do grupo B)”**

A particularidade deste grupo são os altos salários. Do total das trabalhadoras, 92,3% recebem 10 salários mínimos ou mais em suas ocupações principais. Um fator também importante é o número de anos estudados, 64,8% das mulheres têm 15 anos ou mais de estudo e, ainda, 27,8% localizam-se na faixa de 11 a 14 anos de estudo. Quase 40% das representantes têm idade entre 35 e 44 anos e 97,5% estão com idade superior ou igual a 25 anos. A importância deste grupo é de 8,9%. Este grupo diferencia-se do grupo B por ter melhores qualificações de anos de ensino e de salários.

### **Grupo D: “Mulheres relativamente jovens com escolaridade e salários médio-baixos”**

Este grupo abrange o maior número de trabalhadoras, 14,6% das ocupadas. Destas, 29,5% estão com idade entre 15 a 24 anos e 26,5% têm idade entre 25 e 34 anos.

O fator marcante é que todas as integrantes ganham de 1 a 2 salários mínimos mensais. Quanto ao grau de instrução, há uma representatividade de 83,4% das mulheres entre 4 e 10 anos de estudo, observando-se maior concentração na faixa de 4 a 7 anos de estudo, 46,9% do total.

### **Grupo E: “Mulheres com escolaridade média-baixa, jornada parcial e salários baixíssimos”**

O grupo “E” é o de pior salário mensal, todas as integrantes obtêm no máximo um salário mínimo como remuneração na ocupação principal. A escolaridade é média-baixa, estando 54,6% do total com 4 a 7 anos de estudo. Em relação a idade, não há uma disparidade entre as faixas etárias que possa ser levado em consideração. A jornada de trabalho é predominantemente parcial, chegando a 50,6% das mulheres a trabalharem no máximo 39 horas semanais. Este grupo é o de pior qualificação e representa 7,8% do total de ocupadas, ou seja, é o menor grupo no mercado de trabalho da RMSP.

#### **Grupo F: “Mulheres com salários e escolaridade intermediários”**

A importância deste grupo é de 11,2% e a particularidade é que todas as integrantes estão na faixa mediana de estudo, de 8 a 10 anos. Do total, 62,9% possuem idade de 15 a 34 anos, sendo a faixa de 15 a 24 anos com maior representatividade, 34,0%. A remuneração é intermediária, 98,3% das mulheres ganham de 2 a 5 salários mínimos mensais.

#### **Grupo G: “Mulheres jovens com grau de instrução média-alta e salários medianos”**

As integrantes deste grupo possuem como características marcantes a média-alta escolaridade e a pouca idade. Todas têm idade entre 15 e 24 anos e 96,7% estudaram de 11 a 14 anos. A remuneração é mediana, 81,8% ganham de 2 a 5 salários mínimos mensais. São mulheres jovens com alto grau de instrução e que, provavelmente, devido a falta de experiência não recebem melhores remunerações. A importância deste grupo é de 8,7%.

#### **Grupo H: “Mulheres relativamente jovens com salários intermediários e escolaridade média-alta”**

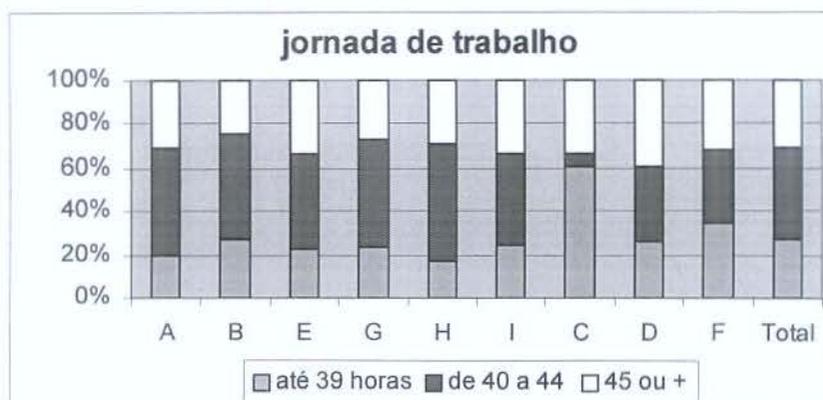
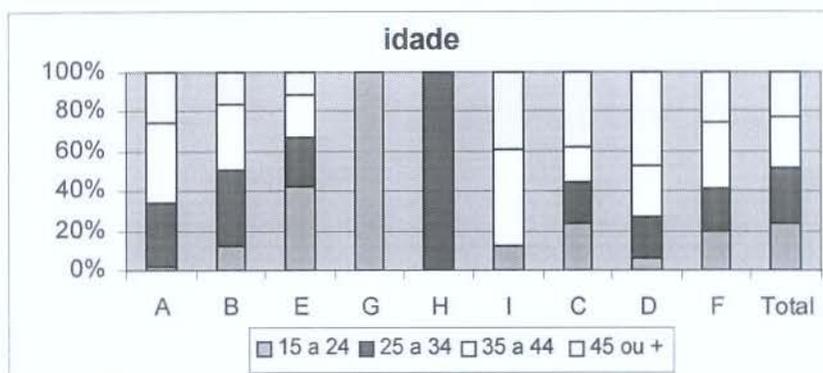
O peso relativo deste grupo é de 9,8%. Caracteriza-se por ter 97,4% das mulheres idade entre 25 e 34 anos e 99,4% receberem de 2 a 5 salários mínimos mensais. Do total, 67,4% estudaram 11 anos ou mais e o restante, 32,6%, estudou de 4 a 7 anos.

### **Grupo I: “Mulheres adultas com instrução média-baixa e rendimentos intermediários”**

No grupo I, todas as integrantes recebem de 2 a 5 salários mínimos mensais de remuneração. Destas, 71,4% estão localizadas na faixa de escolaridade de 4 a 7 anos de estudo. São mulheres já adultas, sendo que 91,3% possuem idade superior a 35 anos e 55,0% estão com 35 a 44 anos de idade. Os salários medianos, a idade mais avançada e o baixo grau de instrução indicam aquisição de experiência por partes das trabalhadoras. A representatividade deste grupo é de 11,6%.

Os gráficos, a seguir, representam as variáveis e suas categorias para os nove grupo homogêneos formados. A última coluna identifica o total das mulheres trabalhadoras na RMSP.

**Gráfico 08: Grupos homogêneos segundo rendimentos na ocupação principal, anos de estudo, idade e jornada de trabalho.**



Podem ser vistas diferentes hierarquias nos nove grupos homogêneos formados. As variáveis de maior destaque continuaram sendo nível de rendimento mensal e anos de estudo. As duas outras são menos essenciais, tornando-se complementares em relação a modificação do “status” ocupacional das mulheres na região. Abaixo apresenta-se a ordem hierárquica observada, levando-se em consideração as duas variáveis principais.

**Quadro2: Ordem hierárquica dos grupos homogêneos, classificados segundo nível de rendimento e anos de estudo.**

Grupos Homogêneos	Característica dos grupos	%
B e C	Mulheres com idades diferenciadas, escolarizadas e com <b>salários elevados</b>	24,9
F, G, H e I	Mulheres com idades diferenciadas, com níveis de instrução diferenciados e com <b>salários intermediários</b>	41,3
A, D e E	Mulheres com idades diferenciadas, pouco instruídas e com <b>salários baixos</b>	33,8

### 3.2.2. – Características individuais e familiares dos Grupos Homogêneos

Este capítulo retrata as três ordens hierárquicas expostas anteriormente quanto as variáveis de ramo de atividade, posição na ocupação principal, renda familiar mensal per capita, condição na família e tipo de família. A pretensão é gerar perfis de inserção para as ordens utilizando-se destas variáveis.

#### **Grupos com rendimentos elevados**

A esta ordem hierárquica pertencem os grupos C e B, os quais juntos somam 24,9% das trabalhadoras na RMSP. São mulheres com altos rendimentos e bem instruídas. As atividades sociais (educação, saúde e assistência social) é o ramo de atividade de maior participação dos dois grupos analisados, onde C e B possuem,

respectivamente, 28,2% e 34,1% de suas integrantes (tabela 18). Outros ramos importantes são: indústria de transformação, comércio de mercadorias, serviços de auxílio as atividades econômicas e outras atividades (bancos e atividades financeiras). As posições na ocupação predominantes, tabela 19, são a de empregada com carteira assinada (43,7% das mulheres de C e 52,0% das de B) e a de funcionária pública (25,0% para C e 28,0% para B), sendo, ainda, alto a porcentagem de trabalhadoras por conta própria e, para o grupo C, elevado valor percentual de empregadoras.

Analisando o perfil familiar das mulheres, observa-se no grupo C da tabela 20, uma alta renda mensal per capita, metade das familiar recebem por pessoa 10 ou mais salários mínimos. Um fator a ser considerado para este alto ganho per capita, é o grande número de casais sem filhos (17,6%, observado na tabela ). Além disso, somando-se o grande número de mulheres casadas (76,8%) e com posição de cônjuge na família (60,2%, observado na tabela 21), ou seja, são mulheres com altos salários e que não são responsáveis pela maior parte do sustento da família. Já no grupo B, 53,3% das famílias têm renda per capita de 2 a 5 salários mínimos e 28,9% das famílias recebem de 5 a 10 salários mínimos. Apesar de serem 47,1% cônjuges, há uma grande parte de filhas (27,6%). Na tabela 22, verifica-se um predomínio das mulheres casadas e com filhos menores de 14 anos e maiores de 14 anos (26,1%), sendo, também, elevado o número de mulheres casadas com filhos menores de 14 anos e mulheres só com filhos menores de 14 anos e maiores de 14 anos (13,3%).

### **Grupos com rendimentos intermediários**

Esta ordem representa 41,3% do total das trabalhadoras e nela estão presentes os grupos F, G, H e I, são mulheres com médios nível de instrução e salários. Pode ser observado, na tabela 18, a existência de quatro ramos de atividades predominantes: a indústria de transformação, o comércio de mercadorias, prestação de serviços e atividades sociais. A prestação de serviços possui maior peso relativo para os grupos H, I e F com os seguintes e respectivos valores percentuais, 27,7%, 42,0% e 25,6%. O grupo G têm maior concentração no ramo da indústria de transformação, 22,5% do total de integrantes deste grupo. Em todos os grupos predomina o emprego com carteira assinada e destaca-se em seguida a posição de funcionária pública (vide tabela

19). No grupo I, há, ainda, 23,2% das mulheres trabalhando como doméstica e 15,8% por conta própria.

No aspecto familiar, a renda mensal per capita está, predominantemente, para todos os quatro grupos, na faixa de 2 a 5 salários mínimos (observe a tabela 20), sendo a faixa inferior, de 1 a 2 salários, também de suma importância. Nos grupos H, I e F, a maioria das mulheres assumem nas famílias a posição de cônjuge, com valor 47,1%, 51,8% e 39,9%, respectivamente (tabela 21). No grupo G, 80,0% das integrantes são filhas. Pode ser visto na tabela 22, que no grupo H, formado de jovens de maior rendimento e maior nível de instrução que os demais grupos aqui analisados, prevalece as famílias de casais com filhos menores de 14 anos (35,8%). Já nos demais grupos, os casais com filhos menores que 14 anos e maiores que 14 anos são maioria, sendo, também, bastante representativo as mulheres com filhos menores de 14 anos e maiores de 14 anos.

### **Grupos com rendimentos baixos**

Pertencem a esta ordem hierárquica os grupos A, D e E, representando 33,8% das ocupadas na RMSP. Caracterizam-se por terem pouca instrução e salários baixos. Os ramos de atividade de maior atuação são o de prestação de serviços e o de comércio de mercadorias (vide tabela 18). Do grupo A, 68,9% das integrantes trabalham em prestação de serviços, no grupo D são 53,3% e no grupo E há 45,8%. As posições dominantes assumidas para as mulheres dos grupos A e D são a de doméstica, mas para o grupo E é a não remunerada (tabela 19).

As rendas familiares per capita para os três grupos concentra-se nas duas piores faixas (tabela 20). Nos grupos A e E, 37,3% e 46,7%, das famílias, respectivamente, ganham mensalmente até 1 salário mínimo por pessoa. No grupo D, 40,6% das famílias recebem de 1 a 2 salários mínimos per capita. Há um predomínio, em ambos os grupos, da condição de cônjuge nas famílias (tabela 21). Em relação ao tipo de família, tabela 22, o grupo A mostra-se o mais dissipado entre as faixas classificatórias, entretanto nos grupos D e E as mulheres são geralmente casadas e com filhos, 59,5% e 68,7%, respectivamente.

**Tabela 18: Perfil dos grupos homogêneos de mulheres ocupadas nos ramos de atividade na RMSP em 1999**

Ramos	altos salários		médios salários				baixos salários		
	C	B	H	I	F	G	A	D	E
agrícola	0,4		0,3	0,3			1,4		4,0
ind. transformação	9,2	<b>11,8</b>	<b>18,4</b>	13,6	<b>19,9</b>	<b>22,5</b>	7,7	12,0	10,4
ind. construção	1,4	0,6	1,0	0,3	0,3	1,1	0,3	0,4	0,4
outras ativ. industr.	0,7	0,4				0,7	0,3		
comércio mercadorias	<b>12,3</b>	<b>12,0</b>	16,5	12,3	<b>22,2</b>	<b>20,7</b>	<b>11,3</b>	<b>16,8</b>	<b>25,3</b>
prestação de serviços	7,0	9,8	<b>27,7</b>	<b>42,0</b>	<b>25,6</b>	10,9	<b>68,9</b>	<b>53,3</b>	<b>45,8</b>
serv. aux. ativ. econ.	<b>15,8</b>	10,8	7,7	3,8	7,6	15,6	1,1	3,4	2,8
transporte e comunic.	2,8	4,3	1,9	2,2	2,2	3,6		0,9	1,2
atividades sociais	<b>28,2</b>	<b>34,1</b>	<b>21,6</b>	<b>22,1</b>	17,7	15,3	6,6	10,8	8,4
adm. pública	10,6	5,9	2,3	2,2	2,0	0,4	0,8	1,1	0,8
outras atividades	11,6	10,4	2,6	1,4	2,5	9,1	1,7	1,3	0,8
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD 1992 e 1999

**Tabela 19: Perfil dos grupos homogêneos de mulheres ocupadas segundo posição na ocupação RMSP em 1999.**

Posições	altos salários		médios salários				baixos salários		
	C	B	H	I	F	G	A	D	E
empr cart. assinada	<b>43,7</b>	<b>52,0</b>	<b>51,938</b>	,1	<b>57,6</b>	<b>73,5</b>	17,6	23,9	5,6
func. public. estatut.	<b>25,0</b>	<b>28,0</b>	<b>23,921</b>	,5	<b>21,9</b>	<b>20,0</b>	10,5	26,5	17,3
domest		2,0	<b>13,523</b>	,2	10,7	2,9	<b>49,6</b>	<b>32,5</b>	22,5
conta própria	16,2	15,3	9,7	<b>15,8</b>	9,3	2,2	19,3	16,8	22,9
empregadoras	15,1	2,7	0,6	1,4	0,3		0,8	0,4	
não remunerados			0,3		0,3	1,5	2,2		<b>31,7</b>
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: PNAD 1992 e 1999

**Tabela 20: Distribuição das mulheres ocupadas na RMSP segundo grupos homogêneos e renda familiar per capita em SM.**

Renda Mensal Familiar per capita em SM	altos salários		médios salários				baixos salários		
	C	B	H	I	F	G	A	D	E
até 1		0,2	7,1	14,0	9,7	7,7	<b>37,3</b>	<b>31,4</b>	<b>46,7</b>
1 a 2	1,1	5,3	<b>36,9</b>	<b>32,9</b>	<b>33,8</b>	<b>25,0</b>	<b>35,9</b>	<b>40,6</b>	<b>22,5</b>
2 a 5	12,0	<b>53,3</b>	<b>45,8</b>	<b>45,4</b>	<b>48,4</b>	<b>52,7</b>	23,9	24,9	<b>22,9</b>
5 a 10	<b>36,9</b>	<b>28,9</b>	9,5	7,7	6,9	10,8	2,3	2,7	6,3
10 ou mais	<b>50,0</b>	12,3	0,7		1,1	3,8	0,6	0,4	1,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Tabela 21: Distribuição das mulheres ocupadas segundo grupos homogêneos e a condição na família.**

condição na família	altos salários		médios salários				baixos salários		
	C	B	H	I	F	G	A	D	E
pessoa de referencia	19,0	21,8	16,1	33,5	23,9	4,0	33,1	23,7	18,1
cônjuge	<b>60,2</b>	<b>47,1</b>	<b>47,1</b>	<b>51,8</b>	<b>39,9</b>	8,7	<b>52,3</b>	<b>43,2</b>	<b>51,8</b>
filha	18,3	<b>27,6</b>	28,1	7,9	28,7	<b>80,0</b>	5,2	23,9	23,7
outra	2,5	3,5	8,7	6,8	7,6	7,3	9,4	9,2	6,4
<b>Total</b>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

**Tabela 22: Distribuição das mulheres ocupadas segundo grupos homogêneos, tipo de família e condição na família**

tipo de família	condição na família	altos salários		médios salários				baixos salários		
		C	B	H	I	F	G	A	D	E
casal sem filhos	chefe	2,1	1,4	1,9	1,1	1,7	0,4	1,7	0,6	0,8
	cônjuge	15,5	9,2	10,0	5,7	5,6	3,6	7,7	7,1	8,4
	outros	0,0	0,4	1,0	0,3	0,8	1,1	1,1	0,9	0,4
	<b>Total</b>	<b>17,6</b>	<b>11,0</b>	<b>12,9</b>	<b>7,1</b>	<b>8,1</b>	<b>5,1</b>	<b>10,5</b>	<b>8,6</b>	<b>9,6</b>
Casal com todos filhos < 14	chefe	2,1	2,5	3,2	1,1	2,2	0,4	1,1	1,7	1,6
	cônjuge	22,2	20,6	31,3	12,5	18,8	5,1	15,7	16,6	21,7
	outros	0,0	0,2	1,3	0,8	1,1	1,1	0,6	2,2	0,4
	<b>Total</b>	<b>24,3</b>	<b>23,3</b>	<b>35,8</b>	<b>14,4</b>	<b>22,2</b>	<b>6,5</b>	<b>17,4</b>	<b>20,5</b>	<b>23,7</b>
Casal com filhos < 14 e >= 14	chefe	1,1	0,8	0,3	1,9	1,1		0,8	1,5	0,4
	cônjuge	14,4	9,4	2,6	21,3	8,7		16,0	9,7	10,8
	filha	9,5	15,9	16,1	2,2	13,8	43,3	1,1	9,9	11,2
	outros	0,0	0,0	0,6	0,8	0,8	0,7	1,1	1,1	1,2
	<b>Total</b>	<b>25,0</b>	<b>26,1</b>	<b>19,7</b>	<b>26,2</b>	<b>24,4</b>	<b>44,0</b>	<b>19,0</b>	<b>22,2</b>	<b>23,7</b>
Casal com todos filhos >= 14	chefe	1,1	1,0	0,3	2,5	1,1		0,8	0,9	2,0
	cônjuge	8,1	7,8	3,2	12,3	6,7		12,9	9,7	10,8
	filha	0,7	2,0	2,3	0,5	4,2	18,2	0,3	5,8	7,6
	outros	0,0	0,0	0,6	0,5	0,8	0,4	0,6	0,4	0,8
	<b>Total</b>	<b>9,9</b>	<b>10,8</b>	<b>6,5</b>	<b>15,8</b>	<b>12,9</b>	<b>18,5</b>	<b>14,6</b>	<b>16,8</b>	<b>21,3</b>
Mulher com todos filhos < 14	chefe	3,9	5,1	7,4	5,7	5,6	2,9	5,2	8,0	3,6
	outros	0,7	0,2	1,0	0,0	0,6	0,7	0,8	0,6	1,2
	<b>Total</b>	<b>4,6</b>	<b>5,3</b>	<b>8,4</b>	<b>5,7</b>	<b>6,2</b>	<b>3,6</b>	<b>6,1</b>	<b>8,6</b>	<b>4,8</b>
Mulher com filhos < 14 e >= 14	chefe	4,9	6,1	0,3	12,3	7,6		13,2	6,3	4,0
	filha	6,3	7,3	8,7	4,1	8,1	14,9	2,5	4,7	2,0
	outros	0,7	0,0	0,3	0,3	0,8	0,4	0,3	0,6	0,8
	<b>Total</b>	<b>12,0</b>	<b>13,3</b>	<b>9,4</b>	<b>16,6</b>	<b>16,6</b>	<b>15,3</b>	<b>16,0</b>	<b>11,6</b>	<b>6,8</b>
Mulher com todos filhos >= 14	chefe	1,4	1,8	1,6	6,8	2,0		7,4	3,4	4,4
	filha		0,6		0,3	2,0	1,8	1,1	2,4	2,8
	outros	0,0	0,0	0,3	0,0	0,3	0,0	0,3	0,0	0,4
	<b>Total</b>	<b>1,4</b>	<b>2,4</b>	<b>1,9</b>	<b>7,1</b>	<b>4,2</b>	<b>1,8</b>	<b>8,8</b>	<b>5,8</b>	<b>7,6</b>
mulher só	chefe	2,5	3,1	1,0	2,2	2,5	0,4	2,8	1,3	1,2
Outras famílias		2,8	4,7	4,5	4,9	2,8	4,7	5,0	4,5	1,2
<b>Total</b>		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

### 3.2.3 – Absorção dos grupos homogêneos nos diferentes ramos e posições da ocupação para RMSP

Neste item será estudado a composição dos ramos de atividade e as posições na ocupação pelos grupos homogêneos. Pretende-se identificar quais são os ramos e posições onde se localiza os postos de melhor, intermediária e pior qualidade.

Ao inicializar esta análise a partir da tabela 23, observa-se serem os ramos de construção, outras atividades industriais, administração pública e outras atividades, os de melhores postos de trabalho. Nestes estão as mulheres dos grupos C e B, classificadas por terem salários elevados, alto nível de instrução e com idades variadas. O ramo com maior participação de ambos os grupos é da administração pública, onde os grupos C e B, juntamente, representam 64,6% (32,3% para cada grupo). Ainda, para os ramos de auxílio a atividades econômicas, transporte e comunicação e atividades sociais há destaque da participação do grupo B.

**Tabela 23: Perfil dos ramos de atividade segundo os grupos homogêneos de mulheres ocupadas na RMSP em 1999**

Grupos	agrícola	ind. transf.	construção	outras ativ. industr.	com. merc.	prest. serv.	serv. aux. ativ. econ.	transp. e comunic.	Ativ. sociais	adm. pública	outras ativ.	Total
C	5,6	6,0	<b>21,1</b>	<b>28,6</b>	6,9	1,9	19,1	11,6	13,3	<b>32,3</b>	<b>22,4</b>	8,9
B		13,8	<b>15,8</b>	<b>28,6</b>	12,0	4,8	<b>23,4</b>	<b>31,9</b>	<b>28,9</b>	<b>32,3</b>	<b>36,1</b>	16,0
H	5,6	<b>13,1</b>	<b>15,8</b>		10,0	8,2	10,2	8,7	<b>11,1</b>	7,5	5,4	9,8
I	5,6	<b>11,5</b>	5,3		8,8	14,8	6,0	<b>11,6</b>	<b>13,5</b>	8,6	3,4	11,5
F		<b>16,3</b>	5,3		15,5	8,7	11,5	<b>11,6</b>	<b>10,5</b>	7,5	6,1	11,2
G		<b>14,2</b>	<b>15,8</b>	28,6	11,2	2,9	18,3	<b>14,5</b>	7,0	1,1	17,0	8,7
A	<b>27,8</b>	6,4	5,3	14,3	8,0	<b>24,0</b>	1,7		4,0	3,2	4,1	11,4
D		12,8	10,5		15,3	<b>23,8</b>	6,8	5,8	8,3	5,4	4,1	14,6
E	<b>55,6</b>	6,0	5,3		12,4	10,9	3,0	4,3	3,5	2,2	1,4	7,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Os postos intermediários, onde trabalham as mulheres de rendimentos mediano e com diferentes níveis de instrução e idades, estão localizados, mais representativamente, nos ramos de construção, transporte e comunicação, atividades

sociais e indústria de transformação. O ramo de maior destaque, que têm 55,0% de suas ocupações preenchidas pelos quatro grupos, é a indústria de transformação.

Nos ramos agrícolas e de prestação de serviços estão os piores postos de trabalho. Do total de ocupações femininas do ramo agrícola, 55,6% e 27,8% são compostas, respectivamente, pelos grupos E e A. Os grupos A e D representam 24,0% e 23,8% das atividades de prestação de serviço. No comércio de mercadorias não se pode definir qual é o tipo qualificatório de trabalho, pois pelos valores percentuais verifica-se não haver destaque de nenhuma ordem hierárquica.

A posição considerada de melhor qualidade é a de empregadoras, representada por 61,4% de trabalhadoras do grupo C e 20,0% do grupo B (tabela 24). O grupo B possui também grande participação nas posições de empregada com carteira assinada e funcionária pública estatutária. Na posição de empregada com carteira assinada, mais de 55,0% são mulheres pertencentes aos grupos de ordem hierárquica intermediária (H, I, F e G), podendo ser considerada de média qualidade. As posições de doméstica, não remunerada e conta própria são a de pior qualificação. Juntamente os grupos A e B representam 58,1% das mulheres que são doméstica, já os grupos A, D e E somam 45,0% das trabalhadoras por conta própria e quase 85% das não remuneradas são do grupo E. Apesar de valores percentuais não tão expressivos, diferenciam-se, na posição de funcionária pública, os grupos B e D.

**Tabela 24: Perfil das posições na ocupação segundo grupos homogêneos de mulheres ocupadas na RMSF em 1999.**

Posições Grupos	emprega- da com carteira	func. public. estatutário	doméstica	conta própria	emprega- doras	não remuner.	Total
C	9,6	10,1	0,0	10,1	<b>61,4</b>	0,0	8,9
B	<b>20,6</b>	<b>20,3</b>	1,8	17,1	<b>20,0</b>	0,0	16,0
H	<b>12,5</b>	10,5	7,4	6,6	2,9	1,1	9,8
I	<b>10,9</b>	11,2	14,9	12,7	7,1	0,0	11,5
F	<b>15,9</b>	11,1	6,7	7,2	1,4	1,1	11,2
G	<b>15,7</b>	7,8	1,4	1,3	0,0	4,3	8,7
A	5,0	5,4	<b>31,6</b>	<b>15,4</b>	4,3	8,6	11,4
D	8,6	<b>17,5</b>	<b>26,5</b>	<b>17,1</b>	2,9	0,0	14,6
E	1,1	6,1	9,8	<b>12,5</b>	0,0	<b>84,9</b>	7,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

### 3.2.4 – Padrões de inserção para o ano de 1999

Formou-se, dos nove grupos homogêneos, três grupos de padrões qualitativos que serão descritos melhor para avaliar as qualidades dos empregos femininos na RMSP em 1999. A seguir as três classificações:

**1 – Alto padrão de inserção feminina no mercado de trabalho:** neste padrão prevalece o trabalho no ramo de atividades sociais e as posições de empregada com carteira e funcionária pública, sendo também significativo o número de empregadoras e trabalhadoras por conta própria. São famílias com alta renda per capita e formadas, em grande parte, por casais com filhos, na qual a mulher assume a posição de cônjuge. A este nível pertencem as mulheres com alto grau de instrução, elevados rendimentos e de idades diferenciadas. Os grupos identificados são o C e o B.

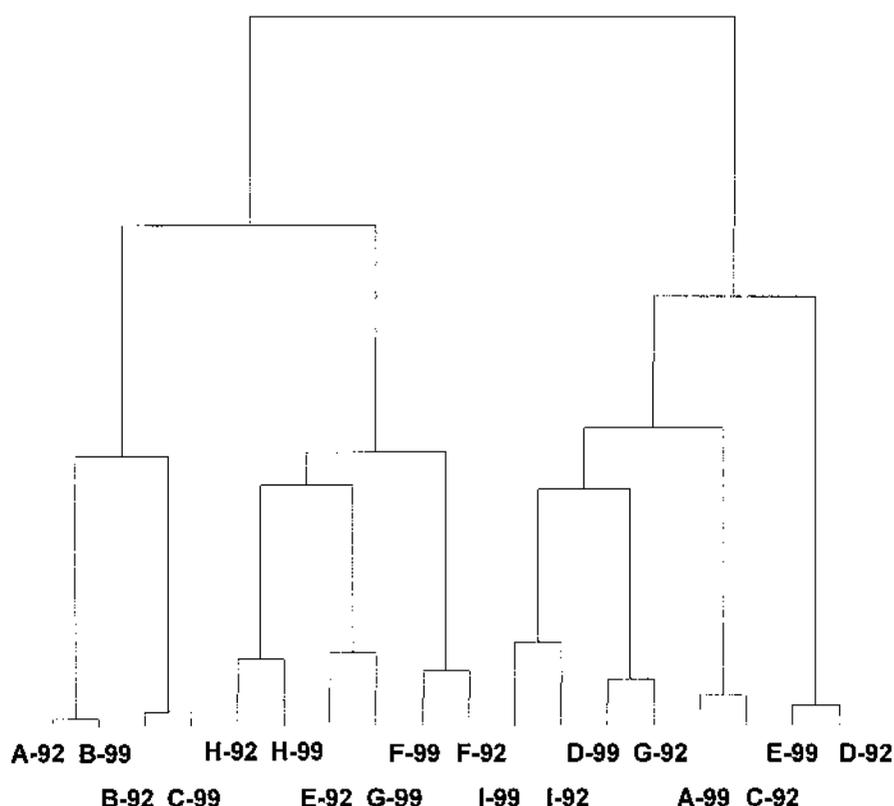
**2 – Médio padrão de inserção feminina no mercado de trabalho:** classificam-se neste padrão os grupos H, I, F e G. Os ramos de atividade destacados pelo padrão são a indústria de transformação, o comércio de mercadorias, prestação de serviços e atividades sociais. A empregada com carteira assinada e a funcionária pública são as posições de ocupação predominantes. Também no grupo I, com grande parte se suas integrantes no ramo de prestação de serviços, há um valor significativo de trabalhadoras doméstica e por conta própria. A renda familiar per capita é mediana. Observa-se para os grupos H, I e F a condição familiar de cônjuge e, para o grupo G de pior classificação hierárquica, a condição de filha. As famílias do grupo H, de melhor rendimento nesta ordem hierárquica, são formadas, principalmente, por casais com filhos menores de 14 anos de idade. Já nas demais famílias prevalece os casais com filhos menores de 14 anos e maiores de 14 anos.

**3 – Baixo padrão de inserção feminina no mercado de trabalho:** os grupos referentes a este padrão são o A, o D e o E. A atuação é, em geral, nos ramos de prestação de serviço e comércio de mercadorias. As posições ocupadas são a de empregada doméstica para os grupos A e D e não remuneradas para o grupo E. A

renda familiar per capita é baixa, atingindo no máximo dois salários mínimos mensais per capita. A condição na família das mulheres empregadas é de cônjuge. A maioria das mulheres são casadas e possuem filhos. Neste padrão as mulheres possuem pouca escolaridade, baixos salários e idades diferenciadas.

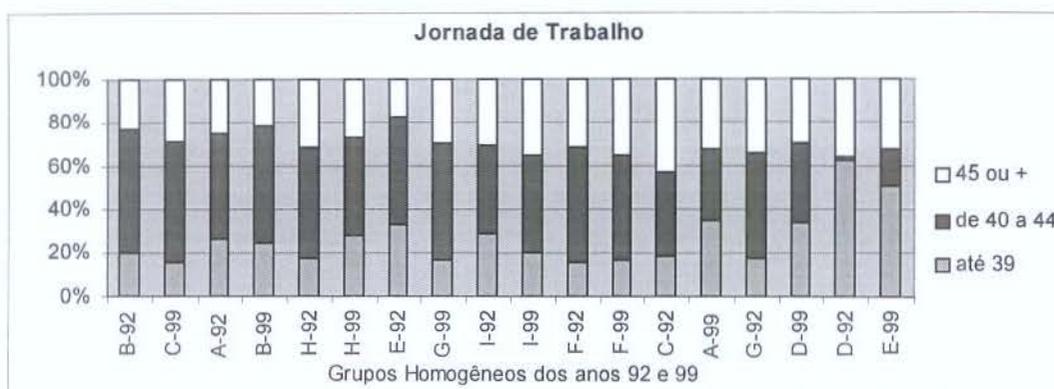
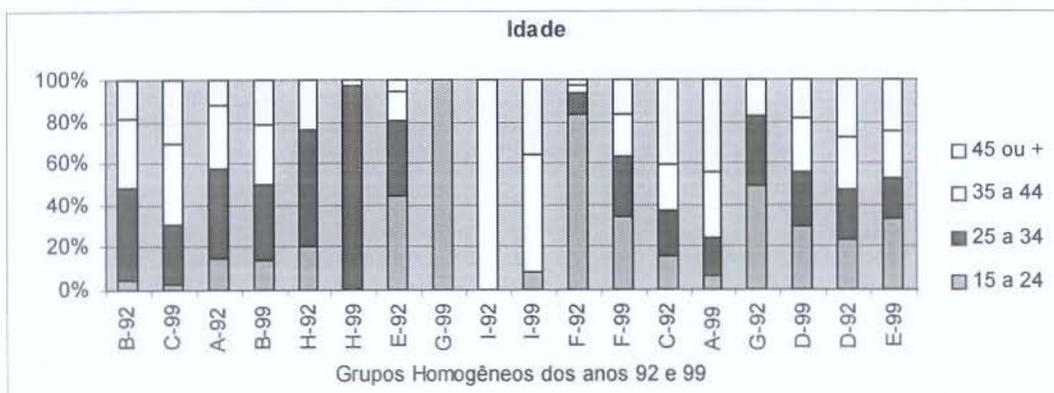
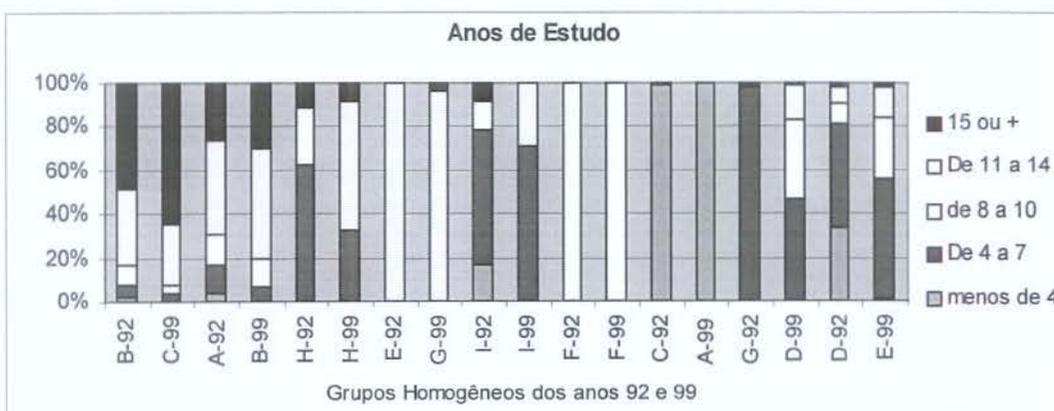
### 3.3. – Mobilidade Social entre as Categorias e Padrões na Década de 90.

Os grupos homogêneos formados em 1992 e 1999 foram distinguidos através dos dois dígitos finais do ano a que pertencem. Posteriormente, as informações percentuais das categorias de cada grupo homogêneo foram selecionadas e organizadas em seqüência (veja anexo II). Através da técnica de Análise dos Componentes Principais (ACP) e Análise de Cluster (AC) obteve-se o seguinte dendograma:



A distância verificada entre a última quebra e a anterior mostra haver grande semelhança entre os grupos formadores dos pares e distanciamento entre os pares. É importante ressaltar que, na técnica utilizada, não houve interferência para tentar selecionar grupos e formar pares de anos distintos. As duplas constituídas foram: A-92 e B-99, B-92 e C-99, H-92 e H-99, E-92 e G-99, F-92 e F-99, I-92 e I-99, G-92 e D-99, C-92 e A-99, E-92 e D-99. O gráfico referente a esses pares, agora denominados de categorias, está apresentado abaixo.

**Gráfico 09: Categorias segundo rendimentos na ocupação principal, anos de estudo, idade e jornada de trabalho.**



A partir deste instante será analisada a mobilidade horizontal, isto é, as modificações ocorridas dentro dos próprios grupos hierárquicos e os padrões de inserção, baseando-se nos pares (categorias) originados e compostos de um grupo de cada ano. O campo de análise serão os padrões e quando verificado importante alteração, os grupos terão maior detalhamento. As comparações serão baseadas nas variáveis qualitativas, porcentagem dos grupos sobre o total de ocupadas e nas variáveis comparativas (posição na ocupação, ramo de atividade, tipo de família, absorção dos ramos e das posições, posição na família, renda familiar per capita). Lembra-se que o intuito ao final deste item é obter um panorama das modificações ocorridas em cada padrão da década de 90 e possibilitar traçar na conclusão a ascensão, descensão e imobilidade dos grupos e padrões, retratando a qualidade da inserção da mulher no mercado de trabalho da RMSP.

### **1. Grupos considerados como padrão alto de inserção**

Neste padrão de inserção encontra-se os pares homogêneos B-92 e C-99 (categoria 1), A-92 e B-99 (categoria 2). Fazem parte deste padrão as mulheres ocupadas que apresentam os maiores graus de instrução e os maiores rendimentos. Pela comparação dos grupos pertencentes ao primeiro par, observa-se através do gráfico 09 um aumento do grau de escolaridade e elevação da proporção de mulheres adultas e maduras. No outro par verifica-se elevação do nível de instrução e queda no número de mulheres relativamente jovens e ascensão das mulheres maduras. Em ambos houve queda significativa na posição de trabalhadora com carteira assinada e, em geral, ampliação das demais posições (tabela 26). Além disso, a participação em ocupações do ramo da indústria de atividade, onde havia grande participação dos grupos em 1992, teve queda acentuada, aumentando relativamente os ramos de serviço de auxílio a atividades econômicas e de atividades sociais (tabela 25).

Quanto aos fatores familiares como a renda familiar per capita, não houve alterações muito significativas (tabela 27). Pode ser visto na tabela 28 que, na categoria 1, a condição de chefe na família diminuiu e destacou-se a cônjuge e, na

categoria 2, os valores percentuais quase não se alteraram. Mudanças de maior significado quanto ao tipo de família apenas ocorreram na categoria 1, as famílias compostas por casais com pelo menos um filho menor que 14 anos e outro maior de 14 anos se ampliaram e em sentido oposto ficaram os casais com todos os filhos menores de 14 anos (tabela 29). A participação deste padrão em 1992 era de 23,1% no total das mulheres ocupadas e elevou-se à 24,9%, acréscimo advindo da ascensão dos dois grupos.

## **2. Grupos considerados como padrão médio de inserção**

À este padrão pertencem os pares de grupos H-92 e H-99 (categoria 3), E-92 e G-99 (categoria 4), I-92 e I-99 (categoria 5), F-92 e F-99 (categoria 6). Em geral, os integrantes dos grupos possuem escolaridade e rendimentos medianos (gráfico 09). Na distinção feitas entre os grupos percebe-se, na análise da categoria 3, haver aumentado os anos de estudo e prevalecido nesta categoria sócio-ocupacional as mulheres de idade entre 25 e 34 anos; já na categoria 4 é nítida a predominância das mulheres jovens; na categoria 5 conclui-se ser melhor o rendimento, mas a participação das mulheres maduras aumentam; pela última categoria observa-se uma padronização dos rendimentos no nível intermediário e ampliação das mulheres não consideradas jovens.

Nas categorias 3, 5 e 6 há diminuição do valor relativo das mulheres empregadas com carteira assinada, ampliando as posições de domésticas e funcionárias públicas (tabela 25). Aspecto diferente ocorre para o categoria 4, neste há aumento das proporções de mulheres com carteira assinada e diminuição das funcionárias públicas. Os ramos de atividade de maior importância para os quatro pares são a indústria da transformação, o comércio de mercadorias, a prestação de serviços e atividades industriais (tabela 26). As variações ocorridas nos ramos são distintas entre os grupos.

A renda familiar per capita quando não se estagnou tornou-se melhor na comparação entre os pares (tabela 27). Nas categorias 3 e 4 vêm crescendo a condição de filha na família, no entanto nas duas outra duplas eleva-se a condição de chefe na família (tabela 28). As famílias do tipo casais com pelo menos um filho

menor que 14 anos e outro maior de 14 anos e casais com filhos menores de 14 anos têm grande significância para os pares (tabela 29). O peso relativo deste padrão era de 45,5% em 1992 e passou a 41,3% em 1999.

### **3. Grupos considerados como padrão baixo de inserção**

Os pares que formam este padrão são: G-92 e D-99 (categoria 7), C-92 e A-99 (categoria 8), E-92 e D-99 (categoria 9). Na categoria 7, ampliam-se as faixas de rendimento médio e muito baixo, a porcentagem de mulheres jovens diminui e prevalece ainda mais as mulheres de idade mais avançada (gráfico 09). Na categoria 8, não é mais perceptível o porcentagem de mulheres com rendimento muito baixo, estabilizando os rendimentos de suas integrantes entre 2 a 5 SM e, ainda, há um aumento no grau de instrução e na idade das mulheres pertencentes a essa categoria. Na categoria 9, categoria de pior rendimento, ascende-se as mulheres com mais escolaridade e, somente neste grupo é que há aumento da participação das mulheres mais jovens.

Os ramos de atividade para as três categorias são o da indústria de transformação, o do comércio de mercadorias e o da prestação de serviços, este último o de maior importância nas três categorias (tabela 25). O ramo de comércio de mercadorias vêm aumentando sua participação neste padrão. Quanto as posições de ocupação, tabela 26, predomina as mulheres domésticas nas categorias 7 e 8 e as não remuneradas na categoria 9.

A renda per capita familiar é a média baixa, categorias 7 e 8, ou a baixa, categoria 9 (tabela 27). Quanto a condição na família, neste padrão é evidente a predominância da posição de filha (tabela 28). Os tipos de família de maior destaque são os casais com filhos menores de 14 anos e casais com pelo menos um filho menor que 14 anos e outro maior de 14 anos (tabela 29). O primeiro tipo de família vêm perdendo destaque, enquanto que o segundo tipo vêm se elevando. O peso relativo deste padrão foi de 31,4% em 1992 e passou a 33,8% em 1999.

Tabela 25

## Perfil das categorias de mulheres ocupadas nos ramos de atividade na RMSP

Grupos	categoria 1		categoria 2		categoria 3		categoria 4		categoria 5		categoria 6		categoria 7		categoria 8		categoria 9	
	B-92	C-99	A-92	B-99	H-92	H-99	E-92	G-99	I-92	I-99	F-92	F-99	C-92	A-99	G-92	D-99	D-92	E-99
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
cola		0,4			0,3	0,3			0,3	0,3	0,9		0,3	1,4			4,9	4,0
transf.	19,6	9,2	18,7	11,8	28,1	18,4	17,4	22,5	17,2	13,6	26,1	19,9	13,5	7,7	28,4	12,0	7,0	10,4
construção	1,3	1,4	1,6	0,6	1,0	1,0	1,7	1,1	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,7	0,4	0,7	0,4
as ativ. Ind.	2,2	0,7	0,6	0,4			0,3	0,7			0,3		0,3	0,3				
. merc.	12,9	12,3	14,2	12,0	15,7	16,5	14,0	20,7	10,9	12,3	25,6	22,2	7,5	11,3	10,8	16,8	20,2	25,3
t. ser.	6,7	7,0	10,5	9,8	23,1	27,7	8,3	10,9	42,2	42,0	15,8	25,6	60,9	68,9	47,7	53,3	56,4	45,8
. aux. ativ.	8,9	15,8	7,2	10,8	4,7	7,7	8,9	15,6	3,8	3,8	9,2	7,6	3,2	1,1	2,3	3,4	3,1	2,8
sp. comunic.	3,1	2,8	2,3	4,3	1,6	1,9	2,0	3,6	1,3	2,2	1,1	2,2	0,8		1,3	0,9	0,3	1,2
sociais	25,3	28,2	29,2	34,1	18,9	21,6	28,6	15,3	20,0	22,1	12,6	17,7	9,2	6,6	5,9	10,8	6,3	8,4
. pública	8,9	10,6	5,3	5,9	3,9	2,3	8,0	0,4	2,8	2,2	1,7	2,0	1,6	0,8	1,6	1,1		0,8
as ativ.	11,1	11,6	10,3	10,4	2,6	2,6	10,9	9,1	1,3	1,4	6,3	2,5	2,4	1,7	1,3	1,3	1,0	0,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Tabela 26

## Perfil das categorias de mulheres ocupadas segundo posição na ocupação na RMSP

Grupos	categoria 1		categoria 2		categoria 3		categoria 4		categoria 5		categoria 6		categoria 7		categoria 8		categoria 9	
	B-92	C-99	A-92	B-99	H-92	H-99	E-92	G-99	I-92	I-99	F-92	F-99	C-92	A-99	G-92	D-99	D-92	E-99
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
posições																		
mp. cart. ass.	56,4	43,7	60,7	52,0	58,5	51,9	56,9	73,5	41,6	38,1	67,0	57,6	38,8	17,6	42,2	23,9	5,6	5,6
nc. public.	18,7	25,0	21,0	28,0	18,1	23,9	30,0	20,0	16,6	21,5	18,1	21,9	12,1	10,5	18,0	26,5	12,9	17,3
mp. sem cart.							0,3				0,3							
doméstica	0,4		1,0	2,0	10,2	13,5	1,7	2,9	20,0	23,2	6,3	10,7	37,2	49,6	28,8	32,5	31,0	22,5
onta própria	13,8	16,2	13,2	15,3	11,5	9,7	9,1	2,2	20,0	15,8	6,9	9,3	11,3	19,3	10,1	16,8	24,4	22,9
mpregadores	10,7	15,1	4,1	2,7	0,8	0,6	1,1		0,9	1,4		0,3	0,3	0,8	0,7	0,4		
ão remunerados					0,8	0,3	0,9	1,5	0,9		1,4	0,3	0,3	2,2	0,3		26,1	31,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Tabela 27

## Distribuição das categorias das mulheres ocupadas na RMSP segundo grupos homogêneos e renda familiar per capita em SM.

Renda Mensal	categoria 1		categoria 2		categoria 3		categoria 4		categoria 5		categoria 6		categoria 7		categoria 8		categoria 9	
	B-92	C-99	A-92	B-99	H-92	H-99	E-92	G-99	I-92	I-99	F-92	F-99	C-92	A-99	G-92	D-99	D-92	E-99
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
até 1			0,6	0,2	10,6	7,1	7,4	7,7	24,9	14,0	17,3	9,7	33,8	37,3	38,7	31,4	43,5	46,7
1 a 2		1,1	4,9	5,3	36,1	36,9	27,7	25,0	36,7	32,9	35,1	33,8	38,2	35,9	38,4	40,6	28,3	22,5
2 a 5	9,5	12,0	50,7	53,3	44,6	45,8	51,0	52,7	32,3	45,4	38,7	48,4	20,1	23,9	18,2	24,9	21,6	22,9
5 a 10	40,5	36,9	35,5	28,9	5,3	9,5	11,5	10,8	5,8	7,7	6,5	6,9	6,3	2,3	3,3	2,7	5,7	6,3
10 ou mais	50,0	50,0	8,2	12,3	3,4	0,7	2,4	3,8	0,3		2,4	1,1	1,6	0,6	1,3	0,4	1,1	1,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 28

## Distribuição das mulheres ocupadas segundo categoria e condição na família.

condição na família	categoria 1		categoria 2		categoria 3		categoria 4		categoria 5		categoria 6		categoria 7		categoria 8		categoria 9	
	B-92 %	C-99 %	A-92 %	B-99 %	H-92 %	H-99 %	E-92 %	G-99 %	I-92 %	I-99F %	-92 %	F-99 %	C-92 %	A-99 %	G-92 %	D-99 %	D-92 %	E-99 %
chefe	27,1	19,0	21,4	21,8	24,4	16,1	11,7	4,0	27,8	33,5	11,5	23,9	30,7	33,1	19,6	23,7	17,1	18,1
cônjuge	53,8	60,2	46,9	47,1	44,9	47,1	30,3	8,7	60,0	51,8	22,1	39,9	50,4	52,3	36,6	43,2	60,6	51,8
filha	15,6	18,3	27,4	27,6	23,9	28,1	50,9	80,0	7,2	7,9	57,5	28,7	8,6	5,2	32,7	23,9	13,9	23,7
outra	3,6	2,5	4,3	3,5	6,8	8,7	7,1	7,3	5,0	6,8	8,9	7,6	10,2	9,4	11,1	9,2	8,4	6,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Tabela 29

## Distribuição das mulheres ocupadas segundo categorias, tipo de família e condição na família

condição na família	tipo de família	categoria 1		categoria 2		categoria 3		categoria 4		categoria 5		categoria 6		categoria 7		categoria 8		categoria 9	
		B-92 %	C-99 %	A-92 %	B-99 %	H-92 %	H-99 %	E-92 %	G-99 %	I-92 %	I-99 %	F-92 %	F-99 %	C-92 %	A-99 %	G-92 %	D-99 %	D-92 %	E-99 %
casal sem filhos	chefe	0,4	2,1	0,2	1,4		1,9	0,3	0,4	0,6	1,1	0,3	1,7	0,5	1,7		0,6		0,8
	cônjuge	13,8	15,5	9,9	9,2	8,4	10,0	8,6	3,6	5,3	5,7	7,5	5,6	8,4	7,7	8,5	7,1	7,7	8,4
	outros	0,4	0,0	0,2	0,4	1,0	1,0	0,6	1,1	0,6	0,3	0,9	0,8	0,8	1,1	1,3	0,9	0,7	0,4
	Total	14,7	17,6	10,3	11,0	9,4	12,9	9,4	5,1	6,6	7,1	8,6	8,1	9,7	10,5	9,8	8,6	8,4	9,6
Casal com todos filhos < 14	chefe		2,1	0,2	2,5	0,5	3,2	0,3	0,4	0,3	1,1		2,2	0,3	1,1	0,7	1,7		1,6
	cônjuge	30,7	22,2	23,7	20,6	25,2	31,3	16,9	5,1	16,9	12,5	12,4	18,8	18,1	15,7	20,3	16,6	27,2	21,7
	outros	0,4	0,0	1,0	0,2	1,6	1,3	0,6	1,1	1,3	0,8	2,6	1,1	2,7	0,6	2,3	2,2	2,8	0,4
	Total	31,1	24,3	24,9	23,3	27,3	35,8	17,7	6,5	18,4	14,4	14,9	22,2	21,0	17,4	23,2	20,5	30,0	23,7
Casal com todos filhos < 14 e >= 14	chefe	0,4	1,1		0,8	0,5	0,3	0,3			1,9		1,1	0,3	0,8		1,5		0,4
	cônjuge	4,9	14,4	8,2	9,4	6,6	2,6	2,3		9,1	21,3	0,3	8,7	10,0	16,0	4,2	9,7	8,0	10,8
	filho	7,6	9,5	15,2	15,9	11,8	16,1	27,4	43,3	2,8	2,2	19,3	13,8	1,9	1,1	9,8	9,9	4,9	11,2
	outros	0,0	0,0	0,0	0,0	1,6	0,6	0,6	0,7	0,6	0,8	0,6	0,8	1,1	1,1	0,7	1,1	0,0	1,2
Total	12,9	25,0	23,5	26,1	20,5	19,7	30,6	44,0	12,5	26,2	20,1	24,4	13,2	19,0	14,7	22,2	12,9	23,7	
Casal com todos filhos >= 14	chefe	0,4	1,1		1,0	0,3	0,3	0,6		0,6	2,5	0,3	1,1		0,8	0,3	0,9		2,0
	cônjuge	4,4	8,1	5,1	7,8	4,7	3,2	2,6		28,8	12,3	2,0	6,7	14,0	12,9	3,6	9,7	17,8	10,8
	filho	0,4	0,7	2,5	2,0	5,5	2,3	12,3	18,2		0,5	23,6	4,2	3,8	0,3	10,8	5,8	6,6	7,6
	outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6	0,9	0,4	0,0	0,5	0,3	0,8	0,8	0,6	1,3	0,4	1,0	0,8
Total	5,3	9,9	7,6	10,8	10,5	6,5	16,3	18,5	29,4	15,8	26,1	12,9	18,6	14,6	16,0	16,8	25,4	21,3	
Mulher com todos filhos < 14	chefe	5,8	3,9	6,4	5,1	11,0	7,4	4,3	2,9	6,9	5,7	6,3	5,6	6,2	5,2	10,5	8,0	5,6	3,6
	outros	0,0	0,7	0,0	0,2	0,8	1,0	0,0	0,7	0,3	0,0	0,6	0,6	0,8	0,8	0,3	0,6	1,0	1,2
	Total	5,8	4,6	6,4	5,3	11,8	8,4	4,3	3,6	7,2	5,7	6,9	6,2	7,0	6,1	10,8	8,6	6,6	4,8
Mulher com todos filhos < 14 e >= 14	chefe	5,3	4,9	4,3	6,1	3,1	0,3	2,9		8,4	12,3	1,1	7,6	8,9	13,2	2,9	6,3	5,6	4,0
	filho	5,8	6,3	8,4	7,3	5,0	8,7	8,3	14,9	2,8	4,1	9,5	8,1	2,2	2,5	6,2	4,7	1,7	2,0
	outros	0,4	0,7	0,2	0,0	0,3	0,3	0,6	0,4	0,6	0,3	1,1	0,8	0,8	0,3	0,0	0,6	0,0	0,8
	Total	11,6	12,0	13,0	13,3	8,4	9,4	11,7	15,3	11,9	16,6	11,8	16,6	11,9	16,0	9,2	11,6	7,3	6,8
Mulher com todos filhos >= 14	chefe	1,8	1,4	1,4	1,8	2,1	1,6	0,3		7,8	6,8	0,3	2,0	6,2	7,4	2,0	3,4	1,7	4,4
	filho			0,8	0,6	0,8		1,7	1,8	0,6	0,3	4,3	2,0	0,8	1,1	4,6	2,4	0,7	2,8
	outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,3	0,3	0,3	0,0	0,0	0,0	0,4
	Total	1,8	1,4	2,3	2,4	3,1	1,9	2,0	1,8	8,4	7,1	4,9	4,2	7,3	8,8	6,5	5,8	2,4	7,6
mulher só			12,9	2,5	8,8	3,1	6,8	1,0	2,9	0,4	3,1	2,2	3,2	2,5	8,4	2,8	3,3	1,3	4,2
Outras famílias			4,0	2,8	3,3	4,7	2,1	4,5	5,1	4,7	2,5	4,9	3,4	2,8	3,0	5,0	6,5	4,5	2,8
Total			100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	

Fonte: PNAD 1992 e 1999

### **3.4. – Absorção das Categorias nos Diferentes Ramos e Posições da Ocupação para RMSP.**

A proposta neste item é apresentar as alterações “qualitativas” nos ramos de atividade e nas posições na ocupação, utilizando-se de análise da composição destes quanto as categorias e padrões existentes.

As piores ocupações estão nos ramos agrícolas e prestação de serviços, pois nesses encontram-se as categorias que possuem os piores salários e níveis de instrução. Na agrícola, houve aumento elevado na participação da categoria 7 e diminuição na categoria 9, esta última predomina neste ramo. Na prestação de serviços, as categorias 5, 7 e 8 aumentaram seus pesos relativos, enquanto que a categoria 9 diminuiu (a composição dos ramos está na tabela 30)

As melhores ocupações concentram-se nas outras atividades industriais (extração mineral e utilidade pública), administração pública e outras atividades (atividades bancárias e imobiliárias). Nos ramos de administração pública e outras atividades vêm aumentando a composição de integrantes pertencentes as categorias de maior rendimento e nível de instrução, categorias 1 e 2, ambas do padrão alto de inserção. Já no ramo de outras atividades industriais está ocorrendo ampliação da categoria mediana 4, apesar de ainda predominar as categorias mais altas.

Nos ramos de construção civil e de serviços de auxílios as atividades econômicas prevalecem as quatro primeiras categorias, estas do padrões alto e médio de inserção, sendo pouco significativa a participação das outras categorias. Na construção houve ampliação da participação da categoria 1 e queda brusca na participação nas categorias 2 e 4. No ramo de serviços de auxílio é cada vez maior o número de empregados das categorias superiores (1 e 2).

Os ramos considerados intermediários são o comércio de mercadorias, transporte e comunicação, indústria de transformação e atividades sociais. Nas atividades sociais e transporte e comunicação não há destaque na participação de trabalhadoras das categorias de pior padrão de inserção. Nos outros dois ramos é bem diversificada as categorias das trabalhadoras.

Tabela 30

## Perfil dos ramos de atividade segundo as categorias de mulheres ocupadas na RMSP

Categorias		agrí- cola	ind. transf.	cons- trução	outras ativ. industr.	com. merc.	prest. serv.	serv. aux. ativ. econ.	transp. e comunic	Ativ. sociais	adm. pública	outras ativ.	Total
1	B-92		7,3	10,7	45,5	6,4	1,7	11,4	14,9	10,4	17,4	15,2	7,3
	C-99	5,6	6,0	21,1	28,6	6,9	1,9	19,1	11,6	13,3	32,3	22,4	8,9
2	A-92		15,0	28,6	27,3	15,3	5,6	19,9	23,4	25,9	22,6	30,3	15,8
	B-99		13,8	15,8	28,6	12,0	4,8	23,4	31,9	28,9	32,3	36,1	16,0
3	H-92	5,0	17,7	14,3		13,3	9,7	10,2	12,8	13,1	13,0	6,1	12,4
	H-99	5,6	13,1	15,8		10,0	8,2	10,2	8,7	11,1	7,5	5,4	9,8
4	E-92		10,1	21,4	9,1	10,9	3,2	17,6	14,9	18,2	24,3	23,0	11,4
	G-99		14,2	15,8	28,6	11,2	2,9	18,3	14,5	7,0	1,1	17,0	8,7
5	I-92	5,0	9,1	3,6		7,8	14,9	6,8	8,5	11,7	7,8	2,4	10,4
	I-99	5,6	11,5	5,3		8,8	14,8	6,0	11,6	13,5	8,6	3,4	11,5
6	F-92	15,0	15,0	3,6	9,1	19,8	6,1	18,2	8,5	8,0	5,2	13,3	11,3
	F-99		16,3	5,3		15,5	8,7	11,5	11,6	10,5	7,5	6,1	11,2
7	C-92	5,0	8,3	3,6	9,1	6,2	24,9	6,8	6,4	6,2	5,2	5,5	12,1
	A-99	27,8	6,4	5,3	14,3	8,0	24,0	1,7		4,0	3,2	4,1	11,4
8	G-92		14,4	7,1		7,3	16,1	4,0	8,5	3,3	4,3	2,4	10,0
	D-99		12,8	10,5		15,3	23,8	6,8	5,8	8,3	5,4	4,1	14,6
9	D-92	70,0	3,3	7,1		12,9	17,9	5,1	2,1	3,3		1,8	9,3
	E-99	55,6	6,0	5,3		12,4	10,9	3,0	4,3	3,5	2,2	1,4	7,8

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Pode ser considerada como a pior posição na ocupação a de não remunerada, pois nesta predominam as trabalhadoras de menos nível de escolaridade e pertencentes a última categoria da escala, a número 9. Além disso, se compararmos os dois anos de análise, verifica-se o aumento do peso desta categoria na posição. O trabalho de doméstica também é um posição não privilegiada, nestas encontram-se as categorias de pior inserção no mercado (a composição das posições está na tabela 31).

A melhor posição é a de empregador, sendo esta composta de maioria de trabalhadoras de alto padrão de inserção. A categoria 1 é que atualmente têm maior participação nesta posição.

Como intermediária seleciona-se a posição de trabalhadora com carteira assinada. Destacam-se nesta posição as categorias 2, 4, 5 e 6, todas com ampliação do número relativo de mulher.

As posições de funcionária pública e trabalhadora por conta própria possuem categorias diversificadas de trabalhadoras, o que nos mostra a dificuldade de distinguir entre cargos e funções, como por exemplo o cargo de gerência e o de auxiliar de escritório num empresa pública.

Tabela 31

## Perfil das posições na ocupação segundo categorias de mulheres ocupadas na RMSP

Posições Categorias	emprega- da com carteira	func. public. estatutário	emprega- da sem carteira	doméstica	conta própria	emprega- doras	não remuner.	Total
1	B-92	8,5	7,4		0,2	7,7	<b>42,1</b>	7,3
	C-99	9,6	10,1		0,0	10,1	<b>61,4</b>	8,9
2	A-92	19,7	17,9		1,1	15,9	<b>35,1</b>	15,8
	B-99	20,6	20,3		1,8	17,1	<b>20,0</b>	16,0
3	H-92	14,9	12,1		8,6	10,9	5,3	12,4
	H-99	12,5	10,5		7,4	6,6	2,9	9,8
4	E-92	13,3	18,4	50,0	1,3	8,0	7,0	11,4
	G-99	15,7	7,8		1,4	1,3	0,0	8,7
5	I-92	8,9	9,3		14,2	15,9	5,3	10,4
	I-99	10,9	11,2		14,9	12,7	7,1	11,5
6	F-92	15,5	11,0	50,0	4,9	6,0		11,3
	F-99	15,9	11,1		6,7	7,2	1,4	11,2
7	C-92	9,6	7,9		30,5	10,4	1,8	12,1
	A-99	5,0	5,4		31,6	15,4	4,3	11,4
8	G-92	8,6	9,6		19,5	7,7	3,5	10,0
	D-99	8,6	17,5		26,5	17,1	2,9	14,6
9	D-92	1,1	6,5		19,7	17,4		9,3
	E-99	1,1	6,1		9,8	12,5	0,0	7,8

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Na conclusão, a seguir, será retratado de forma resumida as observações verificadas neste item e mostrado a ascensão, descensão ou estagnação das categorias quanto a mobilidade social e condições do mercado, traçando “qualitativamente” a inserção feminina na década de 90.

## Conclusão

Identificou-se nove grupos homogêneos e três padrões de inserção para os anos de 1992 e 1999. Examinando as divergências entre os grupos e os padrões de inserção, pode ser feita a seguinte conclusão que retrata "qualitativamente" a inserção das mulheres no mercado de trabalho na região metropolitana de São Paulo na década de 90:

**1. Padrão elevado de inserção feminina no mercado de trabalho:** aumentou o peso relativo deste padrão no mercado, chegando a estar neste um quarto das mulheres ocupadas da RMSP. Suas integrantes possuem alto grau de instrução e altos rendimentos. Viu-se elevar, ao longo da década, o nível de instrução e a idade destas. Apesar de prevalecer as mulheres com carteira assinada, diminuiu-se a participação desta posição e ampliaram-se com destaque as posições de funcionárias públicas, empregadoras e de trabalhadora por conta própria. O ramo de maior atuação continua sendo o de atividades sociais, chegando a ter quase um terço de suas integrantes. O ramo de maior crescimento relativo foi o de serviços de auxílio a atividades econômicas. O ramo da indústria de transformação foi o que obteve maior queda relativa. Na renda per capita não foi visto grandes alterações. Metade das trabalhadoras assumem na família a condição de cônjuge, no entanto é crescente o número de filhas. As famílias, em sua maioria, são compostas por casais com filhos menores de 14 anos ou casais com pelo menos um filho menor de 14 anos e outro maior de 14 anos. A primeira vêm diminuindo sua importância e a segunda, aumentando.

Neste padrão a perda da carteira assinada e ampliação do trabalho por conta própria, empregador e público não é visto como uma piora na inserção feminina no mercado, pois persiste um alto grau de rendimento, o efeito sobre a renda familiar per capita é quase neutro e as condições de filha na família vêm crescendo, o motivo disto pode ser devido as famílias com pelo menos um filho maior de 14 anos estarem aumentando. Assim, visto a melhora quanto ao nível de instrução, aumento da

condição de filha, ampliação deste padrão no mercado, pode-se concluir que houve ascensão ao se referir a mobilidade social.

**2. Padrão intermediário de inserção feminina no mercado de trabalho:** diferentemente do padrão anterior, neste há dificuldade em se traçar as modificações gerais ocorridas nas categorias, pois este apresenta distinções quanto a alterações na posição na ocupação, idade, anos de estudo e condição na família. No entanto, alguns pontos podem ser destacados neste padrão característico de mulheres com rendimentos e escolaridade intermediários: houve melhora da renda familiar per capita nas categorias; as famílias são, em geral, compostas por casais com filhos menores de 14 anos ou casais com pelo menos um filho menor que 14 anos e outro maior que 14 anos; os rendimentos e a escolaridade quando não aumentaram permaneceram estáveis; houve queda percentual do tamanho dos grupos no mercado; os ramos de atuação continuaram sendo prestação de serviços, indústria de transformação, comércio de mercadorias e atividades industriais.

Apesar da heterogeneidade entre os grupos, pode-se considerar que no padrão houve ascensão quanto a mobilidade social, pois os rendimentos familiares per capita elevaram-se e os rendimentos e a escolaridade continuaram estáveis ou cresceram. No entanto, este grupo apresentou diminuição de sua importância no mercado.

**3. Padrão baixo de inserção feminina no mercado de trabalho:** pertencem a este padrão as mulheres com baixo rendimento e escolaridade. Pela as análises feitas neste trabalho observou-se, para ambos os grupos pertencentes a este padrão, haver aumentando o grau de instrução; atuarem com maior ênfase no ramo de prestação de serviços e, posteriormente, comércio de mercadorias e indústria de transformações; serem muitas classificadas como trabalhadoras domésticas ou não remuneradas; aumento das famílias com casais com pelo menos um filho menos que 14 anos e outro maior de 14 anos. Apresentaram alterações pouco significativas nas rendas familiares per capita.

As posições características das integrantes deste grupo são as trabalhadoras domésticas ou as não remuneradas. No grupo de pior qualificação aumentou a proporção de mulheres ocupadas sem remuneração, já os outros dois grupos que

compõem este padrão são predominantemente trabalhadoras domésticas e também apresentaram ampliação no peso desta posição. Assim, o aumento das ocupações com piores remunerações, o não acréscimo do salários, a baixa renda familiar per capita, invalidam a tentativa de ascensão social, mesmo havendo elevado um pouco a escolaridade, esta considerada como muito baixa. Na verdade, como houve melhora no nível de instrução de todos os padrões, se estes são referências, não pode ser considerada nenhuma melhora social, mas sim uma piora devido a ampliação das piores ocupações. No entanto, este grupo apresentou aumento de sua significância e representa um terço do mercado.

Em resumo, o alto padrão de inserção obteve melhora social e ampliação de sua participação, o padrão intermediário apresentou melhoras não tão evidentes quanto o alto padrão e perdeu participação, o baixo padrão ampliou-se e piorou socialmente. Os piores ramos de atuação são o agrícola e a prestação de serviços. As piores ocupações são as não remuneradas. Os melhores ramos de atuação são o de outras atividades industriais (extrativismo e utilidade pública), administração pública e outras atividades industriais (bancárias e imobiliárias).

Neste trabalho pode-se revelar que as modificações que vêm acontecendo no mercado de trabalho na região metropolitana de São Paulo, motivadas pela abertura econômica e financeira no início da década de 90, ocorrem de forma desigual para os grupos femininos sociais existentes. Às mulheres de maior rendimento e escolaridade que são ocupadas, há uma melhora de condição de disputa por trabalhos no mercado. Mulheres com médios rendimentos e escolaridade buscam se manter num mercado cada vez mais concorrido, não só entre mulheres, mas contra homens que perdem seus empregos, principalmente na indústria de transformação, e passam a buscar novas oportunidades de emprego no setor terciário. A classe de piores salários e baixa escolaridade tendem a permanecer nas piores atividades e se limitarem a baixos padrões de vida, pois é cada vez maior a inserção de mulheres no mercado e, ainda, há aumento de exigência de maior grau de escolaridade.

## Anexo I

Distribuição das mulheres eliminadas por falta de dados na variável rendimento na ocupação principal- ANO 1992

Idade	Faixa de Escolaridade	Jornada de Trabalho	Nº
de 15 a 24 anos	menos de 4 anos	até 39 horas	1
		de 40 a 44 horas	1
	de 4 a 7 anos	até 39 horas	1
	de 8 a 10 anos	até 39 horas	1
	de 11 a 14 anos	de 40 a 44 horas	2
		45 horas ou mais	2
15 anos ou mais	45 horas ou mais	1	
de 25 a 34 anos	menos de 4 anos	45 horas ou mais	1
	de 4 a 7 anos	até 39 horas	2
		45 horas ou mais	4
	de 8 a 10 anos	até 39 horas	1
		de 40 a 44 horas	2
		45 horas ou mais	1
	de 11 a 14 anos	de 40 a 44 horas	2
		45 horas ou mais	2
15 anos ou mais	até 39 horas	1	
	de 40 a 44 horas	3	
de 35 a 44 anos	menos de 4 anos	até 39 horas	1
	de 4 a 7 anos	até 39 horas	2
		de 40 a 44 horas	1
		45 horas ou mais	2
	de 8 a 10 anos	até 39 horas	2
		de 40 a 44 horas	4
		45 horas ou mais	1
	de 11 a 14 anos	de 40 a 44 horas	1
15 anos ou mais	de 40 a 44 horas	1	
45 anos ou mais	menos de 4 anos	de 40 a 44 horas	1
	de 4 a 7 anos	até 39 horas	1
	de 8 a 10 anos	de 40 a 44 horas	1
	de 11 a 14 anos	até 39 horas	1
		de 40 a 44 horas	5
	15 anos ou mais	até 39 horas	1

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Distribuição das mulheres eliminadas por falta de dados na variável escolaridade- ANO 1992

Idade	Jornada de Trabalho	Faixa de Salários Mínimos	Nº
de 15 a 24 anos	de 40 a 44 horas	de 1 a 2	1
	45 horas ou mais	de 1 a 2	1
de 25 a 34 anos	de 40 a 44 horas	de 2 a 5	2
	45 horas ou mais	de 5 a 10	1
de 35 a 44 anos	até 39 horas	de 2 a 5	1
	45 horas ou mais	de 1 a 2	1

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Distribuição das mulheres eliminadas por falta de dados na variável rendimento na ocupação principal- ANO 1999

Idade	Jornada de Trabalho	Faixa de Salários Mínimos	Nº
15 a 24 anos	de 8 a 10 anos	de 40 a 44 horas	2
		45 horas ou mais	3
	de 11 a 14 anos	até 39 horas	2
		de 40 a 44 horas	5
		45 horas ou mais	3
25 a 34 anos	menos de 4 anos	45 horas ou mais	1
	de 4 a 7 anos	até 39 horas	2
		de 40 a 44 horas	1
		45 horas ou mais	2
	de 8 a 10 anos	até 39 horas	1
		de 40 a 44 horas	3
		45 horas ou mais	5
	de 11 a 14 anos	até 39 horas	1
		de 40 a 44 horas	5
		45 horas ou mais	6
	15 anos ou mais	até 39 horas	2
		de 40 a 44 horas	5
	35 a 44 anos	menos de 4 anos	até 39 horas
de 4 a 7 anos		até 39 horas	1
		45 horas ou mais	5
de 8 a 10 anos		até 39 horas	1
		de 40 a 44 horas	2
de 11 a 14 anos		até 39 horas	2
		de 40 a 44 horas	5
		45 horas ou mais	3
15 anos ou mais		até 39 horas	1
		de 40 a 44 horas	4
		45 horas ou mais	4
45 anos ou mais		menos de 4 anos	até 39 horas
	de 40 a 44 horas		1
	45 horas ou mais		1
	de 4 a 7 anos	até 39 horas	2
		de 40 a 44 horas	1
		45 horas ou mais	1
	de 8 a 10 anos	de 40 a 44 horas	1
		45 horas ou mais	1
	de 11 a 14 anos	até 39 horas	1
		de 40 a 44 horas	2
		45 horas ou mais	1
	15 anos ou mais	até 39 horas	3
		de 40 a 44 horas	3
		45 horas ou mais	2

Fonte: PNAD 1992 e 1999

Distribuição das mulheres eliminadas por falta de dados na variável escolaridade-1999

Idade	Jornada de Trabalho	Faixa de Salários Mínimos	Nº
25 a 34 anos	até 39 horas	de 2 a 5	1
	de 40 a 44 horas	de 2 a 5	2
	45 horas ou mais	até 1	1
35 a 44 anos	de 40 a 44 horas	de 1 a 2	1
		de 2 a 5	1
	45 horas ou mais	10 ou mais	1
45 anos ou mais	até 39 horas	até 1	1
	de 40 a 44 horas	de 1 a 2	1

## Anexo II

Tabela referente aos dados percentuais das categorias das variáveis para cada grupo homogêneo dos anos 1992 e 1999

Grupo	SM1	SM2	SM3	SM4	SM5	Esc1	Esc2	Esc3	Esc4	Esc5	Idade1	Idade2	Idade3	Idade4	Jorn1	Jorn2	Jorn3
A-92	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,04	0,13	0,14	0,42	0,26	0,15	0,43	0,31	0,12	0,26	0,49	0,25
B-92	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,02	0,06	0,09	0,35	0,49	0,04	0,44	0,34	0,18	0,20	0,56	0,24
E-92	0,02	0,21	0,77	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,45	0,36	0,13	0,06	0,33	0,49	0,17
H-92	0,02	0,00	0,98	0,00	0,00	0,00	0,62	0,27	0,00	0,11	0,20	0,56	0,00	0,24	0,18	0,51	0,31
I-92	0,01	0,33	0,66	0,00	0,00	0,17	0,62	0,13	0,01	0,08	0,00	0,00	1,00	0,00	0,29	0,41	0,31
G-92	0,04	0,96	0,00	0,00	0,00	0,00	0,98	0,00	0,00	0,02	0,49	0,33	0,00	0,18	0,17	0,48	0,34
F-92	0,04	0,49	0,38	0,09	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,83	0,10	0,04	0,03	0,16	0,53	0,31
C-92	0,04	0,64	0,29	0,03	0,00	0,99	0,00	0,00	0,00	0,00	0,16	0,21	0,22	0,41	0,18	0,39	0,43
D-92	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,33	0,48	0,09	0,08	0,02	0,23	0,24	0,25	0,28	0,63	0,01	0,36
F-99	0,01	0,00	0,98	0,01	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,34	0,29	0,21	0,16	0,17	0,48	0,35
G-99	0,03	0,14	0,82	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	0,97	0,03	1,00	0,00	0,00	0,00	0,17	0,54	0,29
H-99	0,01	0,00	0,99	0,00	0,00	0,00	0,33	0,00	0,59	0,08	0,00	0,97	0,00	0,03	0,28	0,45	0,27
I-99	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,71	0,00	0,29	0,00	0,09	0,00	0,55	0,36	0,20	0,44	0,35
E-99	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,55	0,29	0,14	0,02	0,33	0,20	0,22	0,25	0,51	0,17	0,33
D-99	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,47	0,37	0,16	0,01	0,29	0,26	0,25	0,19	0,34	0,36	0,30
A-99	0,19	0,38	0,40	0,03	0,01	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,06	0,18	0,31	0,45	0,35	0,33	0,33
B-99	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,07	0,13	0,50	0,30	0,14	0,36	0,29	0,21	0,25	0,53	0,22
C-99	0,00	0,00	0,08	0,00	0,92	0,00	0,04	0,04	0,28	0,65	0,02	0,28	0,39	0,30	0,16	0,55	0,29

Fonte: PNAD 1992 e 1999

## Referências Bibliográficas

- BALTAR, P.E. (1996) Desconcentração da economia, abertura e crise do emprego urbano no Brasil. *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, n.6, 1996.
- BALTAR (2000), P.E. Estrutura ocupacional regional nos anos 90. Texto selecionado pela ABEP em 2000.
- BASSAB, W. et al. Introdução à análise de agrupamentos. 9º Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística, São Paulo, 1990.
- BRUMMER, A. O sexo das ocupação, considerações teóricas sobre inserção da mão de obra na força de trabalho. *RBCS*, n.3, vol.3, out. 1988.
- BRUSCHINI, M.C.A. Trabalho das mulheres e mudanças no período 1985-1995. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/DPE, 1998.
- CARNEIRO, R.M. Reformas liberais, estabilidade e estagnação: a economia brasileira na década de 90. Tese de Livre-Docência apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, maio, 2000. pp.75-108
- DEDECCA, C.S. "Conceitos e estatísticas básicas sobre mercado de trabalho". *Economia & Trabalho: textos básicos*.
- HASENBALG, C. & SILVA, N.V. "Industrialização e estrutura de emprego no Brasil: 1960-1980. In: HASENBALG, C. & SILVA, N.V. (orgs) *Estrutura social, mobilidade e raça*. Vertices Editora.
- JANUZZI, P.(2000) M. Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista. Campinas, SP: Autores Associados Editora, 2000.
- JANUZZI, P.M. (mimeo) Aspectos metodológicos da construção de uma escala sócio-ocupacional para estudos de mobilidade social. (mimeo)
- JORGE, A.F. et al. "Categorias sócio-ocupacionais: uma perspectiva para a análise da força de trabalho e da distribuição de rendimentos no Brasil". Encontro Nacional de Estudos Populacionais, IV, out. 1984, Anais...São Paulo: ABEP, Vol.1, pp.77-110.
- LAVINAS, Lena et al. Evolução do desemprego feminino nas áreas metropolitanas. *Revista Economia e Sociedade*, Campinas n. 12, pp.143-171.
- LEONE, E.T. "A expansão do emprego feminino na região metropolitana de São Paulo nos anos 90". Encontro Nacional de Estudos Populacionais, XI.
- LEONE, E.T. (1999) Renda familiar e trabalho da mulher na região metropolitana de São Paulo nos anos 80 e 90. Texto para Discussão. IE/Unicamp, Campinas, n.81, jul.1999.

- LEONE, E.T. (2000) Padrões de inserção feminina na região metropolitana de São Paulo em 1997. Texto selecionado pela ABEP em 2000.
- MATTOSO, J. E. & BALTAR, P.E. (1996) "Transformações estruturais e emprego nos anos 90. Campinas, SP: UNICAMP. IE, CESIT, 1996.
- MATTOSO, J.E. & BALTAR, P.E. (1997) "Estagnação da economia e emprego no Brasil: a experiência ressentida". In: VELOSSO, et al. (orgs) Brasil: desafios de um País em formação. José Olympio Editora, 1997.
- MATTOSO, J. A desordem do trabalho. São Paulo, SP: Scritta Editora, pp.121-154.
- OLIVEIRA, C.A.B. & MATTOSO, J.E.L.(orgs) Crise e trabalho no Brasil, modernidade ou volta ao passado? São Paulo: Scritta Editora, 1996.
- PASTORE, J. & HALLER, A. "O que está acontecendo com a mobilidade social no Brasil?" In: Albuquerque, R. & Velloso, J.P.R.(orgs) Pobreza e mobilidade social. São Paulo: Difel, III (4), pp. 25-52
- ROSANDISKI, E. N. Panorama das mudanças no mercado de trabalho brasileiro nos anos 90. Texto selecionado pela ABEP em 2000.
- SAFFIOTI, H.I.B. Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.
- SAFFIOTI, H.I.B. & MUÑOZ-VARGAS, M. (orgs) Mulher brasileira é assim. São Paulo: Rosas dos Tempos Editora, janeiro 1994.
- SEDLACEK, G. L. Estratégia de sobrevivência da família brasileira: um estudo da participação das esposas.
- SILVA, Benedito (coord.) Dicionário de ciências sociais - Rio de Janeiro: FGV, 1986. 1421p. // p.770-1
- WAJMAN, S. & RIOS-NETO, E.L.G. Quantas serão as mulheres: cenários para a atividade feminina. Seminário de Discussão , Campinas, Abril, 1998.